

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

HELIO DOS SANTOS PASSOS

Sobre o conceito de paisagem: das formulações acadêmicas no contexto da Geografia Cultural
a aplicação no ensino fundamental

Campos dos Goytacazes

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

HELIO DOS SANTOS PASSOS

Sobre o conceito de paisagem: das formulações acadêmicas no contexto da Geografia Cultural
a aplicação no nível fundamental do ensino básico

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Geografia.

ORIENTADOR: Profª Drª Elis Miranda

Campos do Goytacazes

2014

HELIO DOS SANTOS PASSOS

Sobre o conceito de paisagem: das formulações acadêmicas no contexto da Geografia Cultural
a aplicação no nível fundamental do ensino básico

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Geografia.

Data de apresentação:

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Elis Miranda (orientador)

Universidade Federal Fluminense

Examinador 2

Examinador 3

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me proporcionaram muito amor, além de sempre terem investido em minha educação com muito esforço e dedicação, sem eles não estaria concretizando este trabalho.

Aos amigos, companheiros, que me ajudaram com força moral.

Aos professores que avaliaram este trabalho em especial minha orientadora Elis Miranda, por ter aceitado ser meu mentor neste processo. Agradeço pela satisfação de aceitar serem os avaliadores.

Ao professor Roberto Lobato Corrêa e a professora Zeny Rosendahl com o incessante trabalho de resgate de bibliografias sobre a Geografia Cultural, um debate que encontra apenas duas décadas no Brasil.

Por fim, agradeço a música, em especial as músicas instrumentais e o rock progressivo, fonte de inspiração nas horas de produção

RESUMO

A Geografia é uma ciência que tem seu objeto de estudo o Espaço Geográfico, este pode ser analisado por quatro categorias, são denominadas de Região, Território, Paisagem e Lugar, cada uma possuem suas peculiaridades e métodos, são fenômenos espaciais e estão em constante transformações. Essa pesquisa teve como orientação a categoria Paisagem, uma categoria que é debatida mais pela Geografia Cultural. A Geografia que tem seu "berço" no continente norte-americano no início do século XX e possui duas inclinações de pensamento que vão encontrar interpretações diferentes no padrão de cultura para a análise da paisagem. O presente trabalho teve objetivo de investigar como se é disponibilizado o conceito de Paisagem no Ensino Fundamental e se segue os rumos da Geografia Cultural por entendemos ser a geografia que melhor ajuda o aluno no entendimento da realidade do seu município.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Paisagem, Ensino Fundamental, Símbolos, Imagem, Parâmetro Curriculares Nacional, Currículo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. A PRODUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA	
1.1 TEMAS TRANSVERSAIS.....	
1.2 SOBRE ÉTICA.....	
1.3 SOBRE PLURALIDADE CULTURAL.....	
1.4 O CONCEITO PAISAGEM NO TERCEIRO CICLO.....	
1.5. O CONCEITO DE PAISAGEM NO QUARTO CICLO.....	
1.6 REVISÕES DO CURRÍCULO MÍNIMO E MATERIAIS DIDÁTICOS	
1.6.1 CURRÍCULO MÍNIMO.....	
1.6.2 ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO.....	
a) INSTITUIÇÃO DE ENSINO X.....	
b) INSTITUIÇÃO DE ENSINO Y.....	
c) INSTITUIÇÃO DE ENSINO Z.....	
2.0 REVISÃO TEÓRICA SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM: A GEOGRAFIA CULTURAL	
2.1 O QUE SÃO PAISAGENS ?.....	
2.2 SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL.....	
3.0 RESULTADOS ALCANÇADOS	
3.1 SOBRE CURRÍCULO.....	
3.2 OS PARÂMETRO CURRICULARES NACIONAIS DE GEOGRAFIA.....	

3.3 OS RESULTADOS DA PESQUISA.....

3.4 PROPOSIÇÃO DE AULA.....

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

5.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que tem seu objeto de estudo o Espaço Geográfico, este pode ser analisado por quatro categorias, são denominadas Região, Território, Paisagem e Lugar, possuem suas peculiaridades e métodos, são fenômenos espaciais e estão em constante transformações. Essa pesquisa teve como orientação a categoria Paisagem, uma categoria que é debatida mais pela Geografia Cultural. A Geografia que tem seu "berço" no continente norte-americano no início do século XX e possui duas inclinações de pensamento que vão encontrar interpretações diferentes no padrão de cultura para analisar a paisagem. Foram divididos em três partes o trabalho, a primeira parte que incide no capítulo 1 foram analisados os recursos didáticos que fomentam a prática docente, esses recursos são os documentos produzidos pelo setor público, o Parâmetro Curricular Nacional de Geografia e o Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro, outro recurso analisado foi o material didático utilizado pelo docente na instituição de ensino. Foram selecionadas três instituições com o critério direcionado para o aspecto: localização. Na área central, periférica e rural, foi decidido não expor os nomes as respectivas instituições, foram denominadas de "Y", "X" e "Z". A segunda parte que versa o capítulo 2, mostra-se uma revisão teórica sobre o que é paisagem, a Geografia Cultural e sua origem, distinções e inclinações de pensamento. A terceira parte que aborda o capítulo 3, foi estruturado com um aporte teórico a respeito do currículo escolar, em seguida um debate sobre o Currículo Mínimo de Geografia, posteriormente foi posto os resultados obtidos sobre o conceito de paisagem no Ensino Fundamental da educação básica e por fim foi estruturado uma preposição de aula que visa a aproximação dos conteúdos acadêmico aos escolares. A relação geografia/imagem e a leitura da paisagem utilizando as imagens fotográficas como ferramenta metodológica, revelando as modificações de alguns lugares do perímetro urbano de Campos dos Goytacazes, o surgimento e desaparecimento de elementos que compõe o lugar e contam a história do município. O objetivo do presente trabalho foi através de seções da realidade, investigar como é disponibilizado o conceito de Paisagem no Ensino Fundamental e se segue os rumos da Geografia Cultural por entendemos

ser a geografia que melhor ajuda o aluno no entendimento da realidade do seu município, tendo em vista que a Geografia Cultural é entendida como o estudo da percepção, do que é percebido ao nosso redor e o lugar como sentimento de identidade, a afeição ou rejeição do indivíduo com o espaço de vivência.

Capítulo I - A PRODUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

O presente capítulo tem por finalidade apresentar a elaboração do objeto de pesquisa. Operacionalmente a primeira etapa incide na análise do PCN¹ de Geografia, nos temas transversais, dos terceiro e quarto ciclo, os dois últimos que concebem ao Ensino Fundamental, para identificar como a categoria analítica do espaço, a paisagem é abordada. No segundo momento a análise foi direcionada aos materiais didáticos utilizados pelo corpo docente de três instituições de ensino selecionadas no município de Campos dos Goytacazes e o Currículo Mínimo; qual abordagem sobre o conceito de paisagem é apresentado nestes materiais e se esse conceito acompanha as atuais orientações acadêmicas da Geografia Cultural ou Nova Geografia Cultural. Os Parâmetros Curriculares Nacionais são referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país.

O objetivo do PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de informações adotados como necessários para o exercício da cidadania. Não possuem atitude de obrigatoriedade e, portanto, pressupõe-se que serão adaptados às peculiaridades locais. A própria comunidade escolar de todo o país tem a ciência de que estes documentos não são uma coleção de regras que pretendem ditar o que os professores devem ou não efetuar. São, isso sim, uma referência para a transformação de objetivos, conteúdos e didática do ensino.

Nossa finalidade é fazer uma pesquisa referente a como se aborda o conceito de Paisagem no ensino básico, acreditamos que atualmente as orientações destas correntes de pensamento referidas, melhor se encaixam para a utilização de exemplos da realidade do

¹ Parâmetro Curriculares Nacional

aluno, a ideia do presente trabalho teve início nos Estágios Supervisionados realizados no decorrer da graduação. Por outro lado, tivemos no período da graduação a percepção de diversas transformações na cidade de Campos dos Goytacazes, bem como construções com objetivo de levar bens e serviços e relocações de costumes dos agentes em novos lugares, que dão novos significados a paisagem, além da cidade mencionada possuir, em nossa ótica, diversos objetos geográficos expressos nas paisagens que carregam significados do passado do município, como as usinas de açúcar, os cinemas antigos, como os monumentos históricos da cidade. Portanto, entendemos que esses fatos ao serem explanados aos alunos podem contribuir para o estímulo de sua percepção, bem como no enriquecimento cultural. Importa também chamar a atenção para o desaparecimento de objetos geográficos e topônimos que guardavam a memória da cidade e encontram-se registradas em imagens, mas estas também tendem a desaparecer por não haver um centro de memória imagético de fácil acesso.

Inicialmente o PCN apresenta uma sucinta caracterização da ciência Geografia, apontando temas que no decorrer dos contextos históricos foi construindo o estudo do pensamento geográfico e a produção geográfica. O primeiro momento registrado que influenciou na constituição de um ramo específico de pesquisa e do conhecimento científico foi no governo militar, com a fundação do Colégio Pedro II, incluindo a ciência como disciplina. Outro marco histórico ocorrido, foi a criação do curso superior concomitante a fundação da Universidade de São Paulo e o departamento de geografia com um corpo docente francês de influência da geografia lablachiana com estudos regionais marcando tradição no Brasil.

Essa geografia era marcada pelo positivismo que sustentava metodologicamente quase todas as chamadas ciências humanas que se consolidaram nessa época nas faculdades brasileiras. Com fortes tendências de estudos regionais, os estudos geográficos pautavam-se pela busca de explicações objetivas e quantitativas da realidade fundamentos da escola francesa de então (BRASIL, 1998, p. 19).

Questão expressiva de lembrar, segundo La Blache a ciência geográfica pautava -se no estudo dos lugares e não uma ciência dos homens, o lugar e a região como dimensões objetivas resultantes das interações entre homem e a natureza. Nestas caracterizações, o PCN

admite com nitidez que atualmente as categorias analíticas lugar e paisagem estão sendo readquiridas pela Nova Geografia oferecendo nova dimensão para tais.

O lugar deixou de ser simplesmente o espaço em que ocorrem interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a materialidade dos lugares, e com as quais também interagem (BRASIL, 1998, p. 19).

A geografia no contexto dos PCN's compromete-se em tornar o mundo compreensível para os discentes, um mundo que pode ser explicável e sujeito a transformações, assim o objetivo que assume os Parâmetros é o ensino que procura a formação e conquista da cidadania brasileira. Assim a Geografia tem desempenho importante nos temas transversais, este considerados questões emergenciais para a aquisição da cidadania. O conhecimento geográfico adota grande importância social, pois incide no estudo das relações entre processo histórico no desenvolvimento das sociedades e o funcionamento da natureza originário da leitura dos lugares, de territórios a partir das paisagens, essa relação contém distintas noções de espaço e tempo, assim como os fenômenos sociais, culturais e naturais de uma respectiva paisagem que comporte uma compreensão processual e dinâmica de sua construção onde possa ser identificado e relacionado tudo aquilo que na paisagem representa heranças das contínuas relações no tempo entre a natureza e sociedade.

Neste sentido, a análise da paisagem deve focar a dinâmica de suas transformações e não simplesmente a descrição e o estudo de o mundo aparentemente estático. Isso requer a compreensão da dinâmica entre os processos sociais, físicos e biológicos inseridos em contextos particulares ou gerais. A preocupação básica é abranger os modos de produzir, de existir e de perceber os diferentes lugares e territórios como os fenômenos que constituem essas paisagens e interagem com a vida que os anima (BRASIL, 1998, p. 26-27).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais no que diz respeito aos conteúdos de Geografia apresenta alguns critérios de seleção e organização, esses critérios são sugeridos a partir de um conjunto de eixos temáticos que servem para nortear o processo de ensino-aprendizagem. Estes eixos temáticos representam auxílios teóricos para o corpo docente trabalhar e os conteúdos de Geografia no Ensino Fundamental. Entretanto nosso objetivo é analisar o que contém nestes eixos temáticos sobre a categoria Paisagem e suas orientações, esse trabalho obteve como análise inicial os temas transversais, são temas que mantém interface com

Geografia e no que diz respeito aos estudos atuais sobre paisagem, os temas que norteiam o professor foram Ética e Pluralidade Cultural.

1.1 TEMAS TRANSVERSAIS

Os temas transversais são aqueles de interesse interdisciplinar, mas que continuam sendo tratados no âmbito de cada disciplina, perdendo a sua capacidade integradora. Segundo o PCN os temas transversais são:

A proposta de trabalhar com questões de urgência social sob a perspectiva de transversalidade aponta para o compromisso a ser partilhado pelos professores das áreas, uma vez que o tratamento dado aos conteúdos de todas as áreas possibilita ao aluno a compreensão ampla de tais questões, que incluem a aprendizagem de procedimentos e desenvolvimentos de atitudes (BRASIL, 1998, p. 41).

Devido a flexibilidade temática no Ensino fundamental, os temas transversais foram construídos para reforçar o trabalho de orientar o professor. No ensino de Geografia, por considerar os temas transversais assuntos emergentes, foram divididos em dois critérios: a urgência social e a abrangência nacional, objetivando mediante a uma seleção, a construção da transversalidade conforme esses dois pressupostos. Na Geografia alguns temas como: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Saúde, Trabalho e Consumo fazem parte de seus conteúdos, portanto considera-se que o professor possa constituir maior interface. Nosso objetivo é explicitar todos os temas transversais na Geografia e desses quais enfatizam o conceito de paisagem. Mesmo que o conceito de paisagem só esteja sendo tratado em alguns desses temas, importa ressaltar o caráter integrador dos temas transversais e não podemos negligenciar tais.

Entretanto, daremos ênfase aos temas tratados no âmbito da geografia que explicitam a categoria paisagem. Cometeremos um breve comentário a respeito de cada um dos temas transversais a fim de encontrar conectividades entre eles com a geografia. Ao analisarmos o tema Orientação Sexual, percebemos que o documento orienta o professor a trabalhar a sexualidade relacionando com o trabalho, explicitar as diferenças de gênero que existem na sociedade em relação ao mercado de trabalho, a desvalorização da maternidade na vida profissional, o tema menciona que os conteúdo geográficos permitem fundamentar melhor

apreensão das questões relativas a sexualidade e as relações com a força de trabalho, como por exemplo as diferenças de remuneração de homens e mulheres, bem como as questões do aumento da gravidez na adolescência e a conduta das doenças sexualmente transmissíveis, além da discussão sobre onde se assentam as disparidades nas relações de trabalho. Neste tema a cartografia surge para guiar o professor na ilustração da espacialização dos problemas encontrados na população como índices de doenças sexualmente transmissíveis a fim de iniciar uma discussão sobre a distribuição e ocorrência destas. Outro tema transversal na geografia é o debate sobre o Meio- Ambiente, por ser uma questão que envolve fatores políticos, históricos, econômicos, ecológicos, geográficos, ou seja, processos variados, não seria plausível compreendê-los e explicá-los pela ótica de uma única ciência. Na geografia o objetivo de trabalhar este tema incide na compreensão da relação homem e natureza onde pode-se trabalhar um leque de temáticas sobre Meio-Ambiente, porém o que sustenta maior justaposição é o tema Meio-Ambiente e Sociedade por tratar da formação sócioespacial, territorialidade e temporalidade do mundo. A ideia do tema Saúde consiste no trabalho do professor em elucidar aos alunos sobre as contradições e complexidades existentes do tema no Brasil, bem como políticas públicas para o setor e as condições de trabalho, neste tema acredita-se utilizando a ótica fundamentada na ciência geográfica o professor pode trabalhar esse tema relacionado com assuntos como desigualdades regionais, a relação indissociável da cidade e campo, bem como as diferenças de distribuição de renda. Neste tema permite a compreensão de questões aos problemas de saúde.

O próximo tema transversal que se pretende trabalhar no âmbito da Geografia seria o assunto sobre trabalho e consumo, o primeiro pode ser trabalhado considerando dois aspectos importantes: as relações da natureza com as formas de expressão humana, a valorização do trabalho como forma de expressão humana das diferentes culturas e etnias, o segundo aspecto orienta o professor a cogitar como o trabalho acontece nas relações sociais. Quanto ao consumo, são repartidos também em dois aspectos: orienta o professor discutir sobre as necessidades de sobrevivência, o segundo concebe na discussão sobre a sociedade do consumo e sua relação com natureza. Começaremos o exame do temas transversais que explicitam o trabalho com a categoria paisagem.

1.2-SOBRE ÉTICA

Neste tema um aspecto relevante que tem ligação com os conteúdos de Geografia é a reafirmação de valores democráticos que por meio da socialização permita expressar as diferenças e os conflitos. Basicamente os conteúdos principais neste tema e partindo da premissa da valorização dos lugares como expressão de identidade são o respeito mútuo, a solidariedade, a justiça e o diálogo. Ao propor uma abordagem que valorize a cultura ou o ambiente, existe a interação entre Geografia e Ética assim pode-se discutir dentro da realidade nacional como as ações humanas construtora das paisagens podem expressar preconceitos e desigualdades em esfera geral da sociedade. A Geografia fornece muito para a formação da ética quando a aprendizagem é direcionada para a construção de atitudes, conhecimentos sobre os lugares e as paisagens abrangendo a sua história até seu presente.

1.3 SOBRE PLURALIDADE CULTURAL

Neste tema adota-se uma abordagem humanista e possui muitas relações com os conteúdos de Geografia que segundo o PCN pode ser visto em alguns objetivos mais gerais da Geografia, bem como a caracterização dos espaços e distintos seguimentos culturais da população brasileira e os estudos de como as paisagens, os lugares e regiões expressam essas diferenças. A pluralidade cultural contempla praticamente quase todos os eixos temáticos propostos, no entanto quando se aborda a questão da formação socioespacial do campo e da cidade. o professor pode aprofundar a discussão dos conteúdos sugeridos pelo documento de Pluralidade cultural, como espaço e pluralidade, tempo e pluralidade. Identifica-se desta forma que o conceito de Paisagem será tratado no âmbito dos temas transversais com orientações da Geografia Cultural e Humanista/Cultural ao se trabalhar a Pluralidade cultural e Ética. Em seguida será apresentado a análise do Terceiro ciclo e os eixos temáticos que acometem a categoria paisagem, primeiramente proporcionamos a sugestão de ensino e aprendizagem deste ciclo.

1.4 A PAISAGEM NO TERCEIRO CICLO

Neste ciclo o estudo da Geografia pode ser apresentado aos alunos em escala local para posteriormente ser proporcionado questões de escala global, mantendo sempre uma relação do papel da natureza com a ação dos indivíduos, grupos sociais e de modo geral, da sociedade na construção espacial, assim a paisagem local e o espaço de vivência são as

principais menções para a organização por parte do docente do seu trabalho e então inserir o aluno nos espaços mundializados.

A observação e caracterização dos elementos presentes na paisagem é o ponto de partida para compreensão mais ampla das relações entre sociedade e natureza. É possível analisar as transformações que esta sofre por causa de atividades econômicas, hábitos culturais ou questões políticas, expressas de diferentes maneiras no próprio meio em que os alunos vivem (BRASIL, 1998, p. 51).

Acredita-se que essa metodologia é possível problematizar as interações entre o espaço local e o global. A utilização de imagens é um interessante recurso didático que os alunos podem auxiliar-se na construção, reconstrução e percepção das paisagens locais e globais conscientizando de junções afetivas e de identidade com o local onde vivem, além disso pode ocorrer uma interface com ciência História que segundo o PCN é essencial para se cogitar recortes temporais e espaciais.

A geografia pode trabalhar com recortes temporais e espaciais distintos da História, embora não possa construir interpretações de uma paisagem sem buscar sua historicidade. Uma abordagem que pretende ler a paisagem local e global, estabelecer comparações, interpretar as múltiplas relações entre a sociedade e a natureza de um determinado lugar pressupõe uma inter-relação entre essas áreas, tanto nas problematizações como nos conteúdos e procedimentos (BRASIL, 1998, p. 53).

No terceiro ciclo são sugeridos para o corpo discente treze objetivos que orientam para melhor apreensão do mundo, porém desses objetivos foram apontados três, pois seus conteúdos dialogam com a categoria paisagem, os objetivos são: o de distinguir as grandes integrações de paisagens em seus díspares graus de humanização da natureza, inclusive a dinâmica de suas fronteiras, sejam naturais ou históricas; percepção na paisagem local em que vivem as diferentes manifestações em outras paisagens; saber empregar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, mediante principalmente ilustrações e linguagem oral. Os conteúdos para o terceiro ciclo são divididos em quatro eixos temáticos onde estes são combinados por temas que guiam a prática docente, porém falaremos de dois e seus respectivos temas, com evidência nos assuntos que abordam a paisagem independente das suas orientações nas correntes de pensamento. O primeiro eixo: "A geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo", foi analisado o tema "a conquista do lugar como conquista da cidadania", neste tema sugere a apreensão do lugar pois esta categoria proporciona ocasiões para o estudo do cotidiano do aluno e a possibilidade aborda a

Geografia das novas correntes do pensamento. O tema apresenta a fundamentação da teoria positivista de La Blache, resultando que a categoria lugar se confunde com o conceito de gênero de vida proposto pelo autor, os dois conceitos resultam das possibilidades de adequações oferecidas pela história com o meio natural, o produto dessas adequações procede a identidade destes lugares, assim nesta abordagem a identidade é vista como propriedade objetivas dos lugares.

Nesse conceito não se levavam em consideração as construções do imaginário, somente as formas de produção da cultura material, como as técnicas, a organização da produção e do consumo e os comportamentos emergentes em relação as instituições e sua vida material (BRASIL, 1998, p. 59).

Foi deparado no tema críticas a Geografia Clássica e espera que na abordagem das novas correntes teóricas, a Geografia poderá acudir o aluno a pensar a construção do espaço geográfico não exclusivamente como os resultados de forças econômicas e materiais, essa construção também de forças do imaginário. A novas correntes são fundamentadas nos pressupostos da fenomenologia, para estas os indivíduos interagem entre si não unicamente por mediação da cultura material, são mediadas além disso pelas representações que compõem o imaginário social. Ao final do tema as propostas sugeridas para trabalho do mesmo abordam estes pressupostos fenomenológico com conceito de lugar sendo a principal categoria cogitada.

O terceiro eixo foi o seguinte a ser considerado com o título de "O campo e a cidade como formação socioespaciais", na abordagem do assunto sugere alcançar como parte integrante de uma realidade historicamente definida pela divisão técnica e social do trabalho como forma de análise das configurações atuais dos territórios, campo e cidade. E essa configuração, é necessário que o docente utilize a categoria de formação socioespacial mantendo a Geografia em interface com a História, portanto: "Com essa categoria é possível compreender e ensinar aos alunos que qualquer paisagem urbana ou rural guarda em si, na forma como está representada, heranças de uma passado mais próximo ou distante" (BRASIL, 1998, p. 65). Nota-se que neste eixo, que a categoria formação socioespacial, acoplado a categoria lugar, segundo o PCN, o corpo docente pode explicar as diferentes paisagens expressas em um mesmo local e que impregnam heranças do passado, permitindo o professor

abordar a coexistência das desigualdades reproduzidas historicamente. Prosseguimos com a exame, ainda no terceiro eixo o quarto tema poder ser ressaltado, com o título: "A cultura e o consumo: uma nova interação campo e a cidade". Nesse tema sugere-se ao professor trabalhar estudos comparativos das relações sociais nas paisagens do campo e da cidade seja em escala nacional ou local, para melhor compreensão dos alunos em perceber as mudanças no comportamento social do campo e da cidade.

Ao final do terceiro eixo separamos os critérios que apresentam uma abordagem, através da categoria paisagem da produção do espaço, os critérios são divididos em "critérios de operacionalização dos conceitos" e "critérios procedimentais". Quanto a operação dos conceitos, recomenda-se conceituar informações caracterizadoras das paisagens urbanas e rurais: "Com este critério avalia-se se o aluno sabe caracterizar os elementos que dão identidade às paisagens urbanas e rurais e suas diferenças"(Brasil, 1998, p. 88) e o reconhecimento da importância dos mapas temáticos na leitura das paisagens e as diversas escalas. Nos critérios procedimentais, recomenda o trabalho com a dinâmica do tempo e do espaço na organização e interação da paisagem urbana e rural e a relação do tempo da natureza e da sociedade: "este critério avalia-se se o aluno sabe identificar as diferentes manifestações do tempo e sua importância na leitura dos fenômenos geográficos" (Brasil, 1998, p. 89), outra sugestão, percebemos que a categoria lugar foi utilizada como premissa com objetivo de trabalhar a percepção do cotidiano, apropriação e identificação dos indivíduos com os lugares.

Com este critério avalia-se o aluno sabe demonstrar que, mediante a sua observação, é capaz de perceber no seu cotidiano como as pessoas se apropriam e se identificam com os lugares e o grau de integração que definem com eles (BRASIL, 1998, p. 89).

Portanto, ao analisarmos esta parte do documento, percebemos que o conceito de paisagem sugere-se a utilização das orientações da Geografia Humanista\cultural, pois nestas orientações, pode-se trabalhar a percepção do discente em consonância a construção da identidade com os lugares. Nos guiaremos agora para a pesquisa referente ao quarto ciclo, apresentaremos todas as orientações significativas que diz respeito a classe paisagem, iniciaremos com uma apresentação do segmento, alguns objetivos e os eixos temáticos.

1.5 A PAISAGEM NO QUARTO CICLO

Ao seguirmos para o quarto seguimento percebemos que neste sugere-se que os temas sejam trabalhados com diferentes graus de complexidade no método e nas teorias, acreditado que após o término do terceiro seguimento, os alunos advêm de um acréscimo cognitivo, portanto é nesse ciclo que se apresenta eixos temático que o debate direciona-se para as problemáticas ambientais, no seguimento anterior são apresentados na transversalidade. A composição deste ciclo consiste em três eixos temáticos norteados por dez temas. O quarto ciclo é marcado pelo debate da globalização, aconselha-se que o professor trabalhe interação das escalas de análise, para que haja uma percepção da parte do aluno da dialética das interações. Na discussão sobre a Paisagem, neste ciclo o estudo da geografia volta-se para o entendimento, percepção e observação, com a finalidade descrever o cotidiano nas paisagens como forma de interpretação dos significados.

Neste sentido a leitura da paisagem neste quarto ciclo é profundamente agregada a novos valores, valores que são construídos e desconstruídos, conforme interesses de atores sociais. A paisagem é uma imagem que revela conteúdos de uma dinâmica que combina muito tempo, muitas ações e decisões. É dessa forma que jovem deve se colocar diante de seus estudos geográficos (BRASIL, 1998, p. 93-94).

Prosseguindo o exame, paramos no segundo eixo temático: "Um só mundo e muitos cenários geográficos" no segundo tema de orientação: "Paisagens e diversidade territorial no Brasil", aqui abordagem utilizada tem interface com História ao se apresentar estudo das paisagens brasileiras, acredita-se que nesta metodologia possibilita o aprofundamento de questões próprias de cada região brasileira, considera-se relevante aos alunos estudar a humanização das paisagens brasileiras, seus graus de modificações expressas por diferentes culturas.

Considerou-se que, embora ainda não haja a possibilidade de análise profunda dos processos de produção do território, os jovens já podem compreender a ação do homem como modificadora da paisagem, que percebem pelas marcas deixadas pela cultura (BRASIL, 1998, p. 111).

Contudo, neste tema, as abordagens são direcionadas para estudos das regiões em escala nacional utilizando a interface com História e a transversalidade, com a questão da pluralidade cultural, onde influenciará diretamente na construção das paisagens. Agora caminharemos para o terceiro eixo temático: "Modernização, modos de vida e a problemática ambiental", orientado pelo terceiro tema: "Ambiente urbano, indústria e modo de vida". Neste tema sugere-se o estudo das paisagens urbanas quando associada a indústria. O papel da

indústria é ressaltado por influenciar na construção e reconstrução das paisagens, recomenda-se novamente a utilização da categoria de formação socioespacial.

É por meio dessa categoria que podemos compreender o papel da indústria na paisagem urbana como uma herança de processos históricos. Assim, as diferentes formas de expressão da indústria podem ser interpretadas em seu papel como construtor e animador das paisagens urbanas (BRASIL, 1998, p. 117).

Quanto aos critérios de avaliação, utilizaremos o mesmo critério utilizado no exame do seguimento anterior. Na operação dos conceitos, sugere o reconhecimento do lugar e da paisagem como ações propositivas dos indivíduos em sociedade, além de ressaltar o reconhecimento nas paisagens da espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos. Espera-se que essa estimativa o aluno é capaz de compreender que o mundo é estabelecido a partir de ações humanas e que os fenômenos geográficos possuem espacialidade e as paisagens distintas temporalidades da sociedade em relação com a natureza. O reconhecimento e distinção das paisagens e em seus diferentes níveis de humanização também é pressuposto para a avaliação.

Com este critério pode-se avaliar se o aluno sabe identificar conceitualmente o que é extensão e fronteira de uma paisagem, sejam ela naturais ou históricas, compreendendo também que existe uma dinâmica da paisagem nem sempre reconhecível apenas pela imagem que ela nos transmite (BRASIL, 1998, p. 129).

Após esta análise, percebemos que o PCN de geografia sugere que o professor utilize no que diz respeito ao conceito de paisagem a partir das abordagens da Geografia Cultural e Humanista/Cultural. A orientação desejada é a de estimular a percepção e cognição do aluno quanto ao reconhecimento dos significados dos objetos expresso na paisagem, além da construção da identidade e o sentido aos lugares. Assim, chegamos ao término da análise dos ciclos referente ao Ensino Fundamental, nos conduziremos agora para revisão do Currículo Mínimo de Geografia, outro documento que norteia o trabalho docente e posteriormente os materiais didáticos utilizados pelos professores das escolas selecionadas.

1.6 REVISÕES DO CURRÍCULO MÍNIMO E DOS MATERIAIS DIDÁTICOS

1.6.1 CURRÍCULO MÍNIMO

O Currículo Mínimo foi um documento elaborado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, elaborado em 2011 com a segunda edição em 2012. Tem por finalidade de ser referência para todas as instituições de ensino do domínio público deste Estado, proporcionando as competências e aptidões que devem estar nos planos de curso e nas aulas. Sua finalidade é orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino aprendizagem, em cada disciplina. São divididos por bimestres e ano de escolaridade. Nosso exame incide em apontar quais objetivos neste documento se cogita o conceito de paisagem, o Currículo Mínimo aborda as series a partir do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental e são divididos em objetivos que são o foco do bimestre, porém nossa análise aborda apenas o Ensino Fundamental.

Segundo consta no documento elaborado pela Secretaria Estadual de Educação, o conceito de paisagem é tratado no sexto ano, no primeiro bimestre. Seu foco incide no "conhecimento do espaço geográfico" e nas suas habilidades e competência. Assim, foram identificados dois objetivos que acreditamos seguir orientações da Geografia Cultural, esses objetivos são: a) Relacionar aspectos que relevam a identidade do aluno com o seu lugar de vivência e b) Identificar as marcas da ação humana que distinguem as paisagens terrestres (CMERJ, 2011, p. 5).

No terceiro bimestre, o documento apresenta como sugestão para que o professor trabalhe: "as dinâmicas naturais e suas interações" encontramos um objetivo que explicita as paisagens naturais: a) Relacionar as paisagens vegetais com os tipos climáticos (CMERJ, 2011, p.5), caracterizando uma orientação amparada na Geografia Clássica. O foco do quarto bimestre é o trabalho com a "Relação homem e natureza" onde encontramos um objetivo que sugere: a) Reconhecer o homem como elemento da natureza (natureza transformada) (CMERJ, 2011, p. 5). Reconhece-se, ainda, as orientações da Geografia Cultural Clássica.

No sétimo ano encontramos no primeiro bimestre onde o foco é "Paisagens naturais brasileiras" e possui dois objetivos referentes a paisagem na dimensão natural: a) Localizar e caracterizar a paisagem natural dominante nos limites do Estado do Rio de Janeiro e b) Identificar e relacionar os tipos climáticos, as formações de vegetais, as formas de relevo e as bacias hidrográficas as paisagens climatobotânicas brasileiras (CMERJ, 2011, p. 6), onde mais uma vez a orientação é a Geografia Clássica.

Deste modo terminamos a análise dos documentos e passaremos para os materiais didáticos utilizados nas referidas instituições de ensino a fim de identificar as convergências e divergências entre as orientações administradas no currículos mínimo do Estado do Rio de Janeiro e o material didático utilizado pelo corpo docente.

1.6.2 – ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Nessa etapa do trabalho serão analisados o material de três instituições de ensino do setor público. Não serão mencionados seus nomes oficiais e a trataremos aqui com nomes fictícios, tendo em vista que este trabalho tem a tentativa de abarcar uma seção da realidade. As instituições foram selecionadas pelo seguinte critério: localização. Selecionamos uma instituição na área central, periférica e rural pretendendo abarcar diferentes perspectivas, assim como diferentes metodologias. A análise incide em coletar no materiais didáticos utilizados em tais instituições que aborde os conteúdos sobre paisagem.

a) INSTITUIÇÃO DE ENSINO X

A primeira instituição de ensino selecionada denominaremos de "X". A mesma localiza-se na área periférica do município de Campos dos Goytacazes, no subdistrito de Tapera. Nesta Instituição os conteúdos referentes à categoria analítica são disponibilizados para o corpo discente nas seguintes séries: 6ª, 7ª e 8ª e o livro didático apresentado na tabela foi escrito pelos seguintes autores: Blaidi Sant'Anna, Glorinha Martini, Hugo Carneiro Reis, Walter Spinelli.

BIMESTRE	SÉRIE	TEMA	ABORDAGEM	MATERIAL DIDÁTICO
1º	6ª	<p>Tema 1: Paisagem, espaço e lugar.</p> <p>a) A paisagem;</p> <p>b) O espaço geográfico</p> <p>c) O lugar</p> <p>Tema 2: O trabalho e a transformação</p>	<p>a) Explica a diferença entre elementos naturais e culturais;</p> <p>b) Explica a serventia dos conceitos de lugar, espaço e paisagem;</p> <p>c) Explica o que é paisagem para a geografia;</p>	<p>Projeto Araribá Geografia - Editora Moderna, 2007.</p> <p>(6º ano)</p>

		do espaço geográfico. a) O trabalho humano; b) As relações entre trabalho e paisagem	d) Identifica o que existe nas paisagens, no que concerne a ações antrópicas; e) Aponta paisagens predominantemente naturais; f) Aponta paisagens preservadas	
1º	7ª	a) Paisagens Naturais no Rio de Janeiro	Utiliza-se da mesma abordagem	Projeto Araribá Geografia - Editora Moderna, 2007. (7º ano)
2º	8ª	a) Paisagem Natural do Continente Americano	Utiliza-se da mesma abordagem	Projeto Araribá Geografia - Editora Moderna, 2007. (8º ano)

b) INSTITUIÇÃO DE ENSINO Y

Esta instituição encontra-se no subdistrito de Goytacaz no bairro chamado Poço Gordo, localiza-se na área rural do município de Campos dos Goytacazes. O conteúdo referente a categoria paisagem são disponibilizados aos alunos na 6ª série no primeiro bimestre. O livro didático foram escritos pelos seguintes autores: Celso Antunes, Maria do Carmo Pereira e Maria Inês Vieira.

BIMESTRE	SÉRIE	TEMA	ABORDAGEM	MATERIAL DIDÁTICO
		Unidade 1:	a) Apresenta um aparato histórico	Geografia e Participação -

1º	6ª	<p>a) A importância da geografia</p> <p>b) Geografia e cidadania</p> <p>c) A paisagem geográfica</p> <p>d) O lugar geográfico</p> <p>e) O espaço geográfico</p> <p>f) Território, territorialidade e região</p>	<p>da ciência geográfica, com ênfase na antiguidade.</p> <p>b) A importância da geografia para a compreensão das relações políticas, sociais e econômicas no decorrer da história das sociedades.</p> <p>c) A paisagem entendida como o "campo do visível", tudo que é visto e percebido como diferente.</p>	<p>Editora IBEP - Coleção século XXI - Ensino Fundamental, 2012.</p> <p>(6ºano)</p>
-----------	-----------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

c) INSTITUIÇÃO DE ENSINO Z

A seguinte instituição de ensino está localizada no bairro denominado Parque São Caetano área central do perímetro urbano do município campista, na determinada instituição os conteúdos sobre paisagem são disponibilizados na 6ª série, referente ao nível fundamental. O livro didático utilizado foi escritos por Valquíria Pires Garcia e Beluce Belluci

BIMESTRE	SÉRIE	TEMA	ABORDAGEM	MATERIAL DIDÁTICO
-----------------	--------------	-------------	------------------	--------------------------

1º	6ª	Unidade 2: a) Lugares e suas paisagens;	<ul style="list-style-type: none"> ● Paisagem como forma de analisar os lugares; ● os elementos expressos na paisagem 	Projeto Raidix: raiz do conhecimento - Editora: Scipione, 2º ed. São Paulo, 2013. (6º ano)
----	----	----------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Igualmente nas três instituições de ensino investigadas os conteúdos que diz respeito ao fenômeno espacial são disponibilizados na 6ª série ou 6º ano do nível básico. Porém notamos distinções na forma de abordagem de cada livro didático. Na instituição X o livro didático apresenta o conceitos gerais da categoria, a paisagem sendo tudo que nossa ótica abarca e posteriormente as informações passadas são utilizadas na explicação em séries posteriores, como no objetivo do Currículo Mínimo que orienta a distinguir as paisagens do Continente Americano. Na instituição Y o conceito de paisagem incide no fundamento geral do fenômeno, entendida como o "campo do visível", a paisagem como um conjunto de elementos naturais e artificiais e pela observação é permitido a interpretação e compreensão da dinâmica dos elementos naturais e sociais. Ressaltamos que no referido livro didático, apresenta-se a noção de territorialidade, um ponto que estimulou nossa percepção para com a atualidades dos livros pesquisados. A instituição Z o livro didático utilizado, na sua abordagem a categoria paisagem surge atrelada a categoria lugar, além de também utilizar o conceito do "campo do visível", "o olhar da janela". A paisagem como forma de analisar as características do lugar, as paisagens explicam como se encontra o lugar e como ele foi no passado, o fenômeno é característica e elemento expresso no lugar, tal elemento pode não se situar no "campo do visível", mas percebida em outros sentidos. Notamos que quanto mais atual é o livro didático, há mais informações que da consistência ao conceito de paisagem. Passaremos agora para a revisão teórica sobre o conceito e a Geografia Cultural que trata o capítulo 2.

Capítulo 2- A REVISÃO TEÓRICA SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL

2.1 O QUE SÃO PAISAGENS ?

Neste capítulo apresentaremos uma revisão teórica sobre o conceito de Paisagem, tendo em vista que o debate sobre este conceito é bastante amplo. Disponibilizaremos aqui algumas obras que em nossa ótica são de suma importância para uma mínima compreensão desse fenômeno espacial. Como ponto de partida da nossa revisão podemos apontar as ideias de Milton Santos (1988, p.21), onde este nos alerta que:

Tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, som, etc.

Santos na continuação desta definição relata que esta visão é dependente da localização do indivíduo e isso acarreta na paisagem diferentes escalas adicionado a diversas óticas dependendo onde o indivíduo se localize, as perspectivas são ampliadas quanto maior for a altura da visão, pois torna-se visível ou invisível empecilhos à vista.

Um ponto bastante significativo a ser ressaltado é que a Paisagem advém de um debate que não envolve somente geógrafos, mas também se encontra vinculada as ciências humanas e naturais, segundo Roberto Lobato Corrêa a categoria analítica na ótica dos geógrafos vem tornando-se uma temática fundamental, constante e de polêmicas. Se nos conduzirmos por este autor, a natureza da paisagem compõe-se no conjunto articulado de formas materiais, tanto da natureza como pelas atuações antrópicas, infligindo funcionalidades e significados, a mesma torna-se multidimensional e com diversas perspectivas que fornecem definições e

conteúdos. Ressalta o autor: "Na perspectiva geográfica dos estudos da paisagem pode-se distinguir duas principais versões, distintas entre si no que diz respeito à matriz epistemológica e ao conteúdo analítico" (CORRÊA, s.d., p. 2). Existem duas versões nos estudos da paisagem onde o debate sobre tal encontra-se desde a segunda metade do século XIX e intrínseca a história do pensamento geográfico.

Esta contestação encontra-se no núcleo do debate entre duas correntes de pensamento da geografia cultural, uma denominada geografia da Escola de Berkeley e a outra de nova geografia cultural. A Paisagem é uma classe analítica da geografia e encontrar-se inerente ao espaço, bem como o Território, Região e Lugar e tem por necessidade não confundi-la, como ressalta o autor: "ainda que todos eles vinculem-se ao espaço e apresentem, em muitos casos espacialidades e temporalidades semelhantes" (CORRÊA, s.d, p. 4). As regiões se diferem das paisagens devido a uma resolução política ou econômica que lhe oferece unidade, as regiões se despontam em diversas paisagens. A Paisagem diferencia-se do lugar pela sua materialidade, a mesma faz parte do lugar, porém não o pertence.

Lugar é, de um lado e segundo visão positivista, uma localização e suas atividades que o inserem na divisão territorial do trabalho ou, de outro e numa visão humanista, em uma área vivenciada, amada ou rejeitada por um dado grupo social. Objetividade e inter-subjetividade contrapõem uma e outra visão. A paisagem faz parte do lugar mas não é dela, em sua materialidade, que estamos nos referindo, mas em sua afeição ou não (CORRÊA, s.d, p.4).

A diferença entre o Território e a Paisagem encontra-se pela dimensão política, pois o Território remete a apropriação e domínio sobre um determinado espaço demarcado. Não obstante, antes de iniciarmos a discussão sobre essas correntes da geografia cultural, apresentaremos aqui uma revisão sobre os padrões de cultura vinculada a epistemologias científicas e estas, fixa um conjunto de aportes e metodologias distintas, a cultura possui diversos sentidos, ou seja, é polissêmica e no debate entre as vertentes da geografia cultural existem distintas inclinações a respeito de seu conceito.

Nos aponta Scott William Hoefle, a exposição de matrizes epistemológicas onde possam ser conferidos diferentes visões de cultura, com o desígnio de confrontar padrões de cultura na ótica de suas epistemologias e conjunturas distintas. O autor relata que as

epistemologias possuem saberes diferentes da realidade percebida, assim como seus métodos científicos e processos analíticos que conseqüentemente influenciam em organizações culturais diferentes. O autor aponta três destas epistemologias científicas: a) fenomenologia; b) empirismo e c) racionalismo. Além de apontar suas metodologias para as análises.

Na visão fenomenológica, a cultura é uma colcha de retalhos, "pedaços" de vários tamanhos e naturezas diversas, juntados aleatoriamente por processos históricos locais, resultando em configurações únicas no tempo e no espaço. Como a cultura estudada é diferente da do pesquisador, utiliza-se a metodologia construtivista, que envolve a observação participativa e a imersão por longos períodos de trabalho de campo, no qual se procura construir junto à população estudada um texto etnográfico com base interpretação qualitativa e intuitiva (HOEFLE, 2010, p. 18).

Concentra-se nos estudos históricos das vivências de indivíduos particulares e suas relações dialéticas, bem como normas de convivência e seus aprendizados habituais, ou seja, seu modelo cultural é particularista e possui a escala espacial local. Ainda nos conduzindo por Hoefle (2010, p. 19) no empirismo o padrão cultural é funcionalista e sua escala espacial consiste em regiões:

No modelo funcionalista, a sociedade é um organismo integrado e composto de partes inter dependentes. Por meio da observação indutiva e da descrição qualitativa e quantitativa simples, o corpo de cientistas humanos espalhados pelo mundo estuda as sociedades existentes, produzindo um número de pesquisas de caso suficiente para emergir padrões, tendências gerais e, finalmente, teorias gerais.

O terceiro modelo, o racionalista, segue o modelo cultural determinista e diferente do empirismo seu método é dedutivo com uma noção de cultura superior a do outro e sua escala espacial é global:

A visão racionalista normalmente segue a empirista no tempo e se mostra impaciente com a indução ingênua empirista, que nunca chega a leis gerais que possam explicar a mudança cultural no mundo. Na visão determinista, são estabelecidos os estágios evolutivos da sociedade tradicional à moderna, geralmente com a sociedade do próprio estudioso posicionada no ápice da evolução (HOEFLE, 2010, p.19).

Ainda nos norteando pelo autor, no que idealiza as visões de cultura, há conflitos entre as filosofias de visão de mundo onde permeia a definição de cultura clássica, evolucionista e racional com ênfase em estudos dos povos considerados primitivos, o autor nos assinala a visão desenvolvimentista com evidência no desenvolvimento das famílias: "(...) A família também evolui da promiscuidade incestuosa aos clãs, à família patriarcal e, por fim, à família monogâmica civilizada"(HOEFLE, 2010, p.21). Esse determinismo foi base para o marxismo cultural clássico amparado pelo materialismo dialético, baseava-se na história das civilizações em estágios e divididas por hierarquias com noções evolucionistas.

Na década de 1960 surge a crítica produzida pelos neomarxistas com base fenomenológica, um movimento contrário a essas visões de mundo, até mesmo o marxismo clássico, argumentavam que os modelos de cultura, eram conceitos para justificar o domínio europeu e norte-americano sobre o mundo e o conservadorismo político que desconsidera os conflitos das categorias em um determinado coletivo, os neomarxistas criticavam a analogia da sociedade com o corpo humano, onde a biologia era o paradigma da ciência do século XIX e as funções diferenciadas para cada membro justificando a desigualdade, fazendo-a parecer natural da relação humana. Hoefle nos orienta que os neomarxistas criticam a distinção entre sociedade simples-tradicional e a complexa-moderna que advém do funcionalismo e do desenvolvimentismo, a crítica é pela generalização das sociedades não ocidentais e a fixação delas a sociedade simples-tradicional.

Para os neomarxistas o modelo de cultura se configura pelo conceito de "formação social", consiste em diferentes classes, onde a cultura hegemônica define a linguagem e as práticas determinadas adequadas são indispensáveis para a vida. Os neomarxistas utilizam duas escalas espaciais que são indissociáveis: a global e a local - controladas pelo sistema capitalista de produção ocorrendo à dinâmica de regiões centrais sobrepondo a regiões periféricas. Os neomarxistas tiveram bastante influência na construção das ideias de outros pensadores como Gramsci, Bourdieu e o pensamento da Escola de Frankfurt além dos pensadores que exploram os estudos de paisagem simbólica e espaço em construções sociais capitalistas.

Entendemos que a cultura possui diferentes concepções e sentidos e que o tempo e o espaço modificam esses modelos intercedidos por epistemologias científicas além de para

cada uma, existir uma metodologia para análise. Conseguimos compreender que esses modelos não são superiores em relação ao outro, são formas de organização da sociedade e a cultura como mediadora, os estudos feitos servem para orientar o entendimento dessas relações sociais.

Retornando ao debate que diz respeito aos estudos sobre o conceito de Paisagem, o estudo de Augustin Berque aclarando para nós que a paisagem é uma marca devido a materialização no espaço e ao mesmo tempo uma matriz assim sendo um produto e condição social. O autor observa que a geografia cultural é entendida como estudo dos sentidos que um grupo social estabelece na relação com o espaço e a natureza, a paisagem é a concretização desta relação, ou seja, a materialização destes sentidos.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto a paisagem de seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de codeterminação (BERQUE, 1998, p. 239).

A paisagem existe em sua afinidade com um coletivo, esse coletivo que a produz e reproduz, transformando-a em emprego de determinada coerência e assim ela é sujeitada a análises e dispõe-se de abundantes aparelhos metodológicos que aperfeiçoam-se cada vez mais. Porém para o autor a sugestão é a "descrição da paisagem como dado perceptível" (BERQUE, 1998, p. 240). As explicações acabam excedendo o campo do percebido, seja por funções decididas abstratamente, por mudanças na escala espacial ou temporal. Conforme o autor, esses processos distanciam a sugestão da paisagem como um dado sensível, o mesmo acredita ao se distanciar do campo da percepção estaríamos avaliando a paisagem como marca, abstraindo o indivíduo (coletivo) na qual a paisagem relaciona-se.

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política etc.; e, por outro, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política etc. (BERQUE, 1998, p. 240).

Portanto entendemos que a paisagem matriz consiste na orientação política do olhar, da apreensão, da consciência, norteada por uma experiência que possui o indivíduo (coletivo) que são efetivadas no espaço, ou seja, criando marcas onde estas são mutáveis, em outras palavras formando a paisagem marca que atribuem sentidos e significados. Percebemos que tudo isto é condicionado no seio de uma cultura que dá sentido à relação do sujeito seja ele coletivo ou individual com o mundo e este sentido nunca será precisamente igual para cada indivíduo (coletivo ou individual). Assim acredita Berque que os estudos sobre paisagem abarca não somente a geografia, mas também as ciências humanas e sociais no ponto de vista cultural e tão pouco a geografia cultural pretende monopolizar este objeto.

De grande importância e em nossa ótica interessante, são os estudos de Paul Claval sobre o conceito de Paisagem, sua obra contribui em demasia para nossa revisão, nela encontra-se um aparato histórico da construção do conceito. O autor inicia com a construção do termo, originado nas pinturas do século XV precisamente nos Países Baixos e relata o autor, na forma de *landskip*² Na metodologia para pintar era utilizado a analogia com uma janela, nas palavras do autor: um enquadramento. Estes enquadramentos eram vistos em quadros que pintavam uma porção da natureza e como relata o geógrafo: "os personagens têm aí um papel apenas secundário. A moldura que circunda o quadro substitui, na representação, a janela através da qual se efetuava a observação" (CLAVAL, 2004, p.245).

Segundo o mesmo, no início de 1420 na Itália da descoberta ou redescoberta das leis da perspectiva o que trará novos termos sugeridos por Roger van de Weyder e Berque da paisagem, além do novo método de pintura. Em suas palavras:

O alemão forja o termo Landshaft, e o inglês, Landscape, para traduzir o novo termo holandês, cujo emprego se impõe com a difusão do gênero pictural. O italiano transcreve a ideia de extensão de pays, que vem da raiz land, criando paesaggio, de onde deriva o termo francês. Seu emprego é verificado a partir de 1549. O surgimento da paisagem como forma de pintura é uma das consequências da revolução que o uso da perspectiva introduz (CLAVAL, 2004 p.246).

² No inglês antigo: *landscipe* (região, distrito); no inglês médio: *landschippe*; no escocês: *landskipe* (paisagem)

Aos poucos o método vai se aprimorando concomitante ao das perspectivas, bem como, conforme aponta o autor, o surgimento da perspectiva atmosférica e a utilização das cores claras e leves para representar na pintura o que encontra-se distante da ótica do pintor e nos devidos termos o autor descreve que: "a paisagem torna-se uma das formas essenciais da arte pictural do século XVII" (CLAVAL, 2004 p.246). A paisagem como forma de pintura é introduzida nas análises dos geógrafos, estes já tinham por interesse desde o começo da disciplina geografia os estudos das paisagens e esse interesse influenciavam os viajantes que utilizavam a geografia para apreensão da natureza das regiões que percorriam, ou seja, na conjuntura dos estudos naturalistas. O mesmo relata que nesta época, século XVIII as descrições das paisagens são complexas, as descrições dos relevos, rios, etc eram limitadas, porém o autor explana que os progressos nesta deficiência de descrição são rápidos e aparecem com os estudos botânicos aperfeiçoando a linguagem dos naturalistas na Europa.

No final do século XVIII estabelece a preocupação com as descrições, entre os geógrafos como Malte-Brun na França, havia a necessidade de mais consistência nas descrições, para o autor: "Como as palavras não são suficientes para isso, eles passam a ilustrar seus trabalhos com gravuras" (CLAVAL, 2004, p. 247). O autor enfatiza com a metodologia de descrição das paisagens naturais através da ilustração, os trabalhos de Humboldt que acabaram por influenciar geógrafos, principalmente os geógrafos alemães. Conforme Claval (2004, p. 247):

É essa época das filosofias da natureza, à maneira de Goethe: a contemplação da natureza leva à descoberta das profundas harmonias concebidas pelo Criador. Nas outras escolas geográficas, a descrição continua sóbria.

Com o decorrer da história, precisamente no século XIX vão se aperfeiçoando as técnicas, novas formas de analisar a diversidade que existe na paisagem, bem como o avanço da litografia e a descoberta da fotografia facilitando o trabalho dos geógrafos interessados nestes estudos.

Entendemos que os estudos das paisagens obteve grande progresso nesta época e as análises dependem da sensibilidade do sujeito que a analisa, é com o alemão Humboldt, que ocorreu a proliferação desta ideia em consonância com os avanços das técnicas. A

sensibilidade do pesquisador no nosso entendimento e norteados pela obra de Claval (2004, p. 248), configura as paisagens como interface criando múltiplas perspectivas com objetivo de explicar a superfície terrestre:

A imagem que temos da natureza em um ponto pode gerar confusão. O papel do geógrafo que analisa a paisagem é multiplicar os pontos de vista, olhar o relevo de perto e de longe, desde a base das cadeias e desde seu picos, e construir, a partir daí, uma imagem sintética da região que analisa.

A partir desta nova forma de conceber a paisagem, como interface e a necessidade de analisar com múltiplas óticas junto aos progressos científicos que gozam por exemplo a geologia, principalmente os estudos de Suess utilizando a interface para explicar as relações que existem nas camadas da superfície terrestre. Assim introduz-se uma nova ideia e o surgimento da ciência ecologia: "Concebida em termos de interface, a paisagem deixa de ser um quadro sem vida; ela é feita de ambientes" (CLAVAL, 2004, p. 249). Tendo em vista essa concepção de paisagem como interface, inicia-se uma indagação: "Por que não ver na paisagem a interface entre homens e a natureza ?" (CLAVAL, 2004, p. 249).

Logo os estudos de Ratzel com a antropogeografia surgem repercutindo intensamente na Alemanha e França, estudos que focavam a distribuição dos homens, das atividades e suas obras na superfície terrestre, ou seja a influência que o meio tem sobre o indivíduo (coletivo ou individual), um estudo das afinidades complexas que se desenvolvem entre o homem e os ambientes, sem que haja uma generalização ou oposição de uma geografia humana sobre a física. No ano de 1900 encontram-se numerosos estudos geográficos sobre as paisagens e aponta o autor: "O privilégio dado ao olhar é confirmado" (CLAVAL, 2004, p.250).

Entendemos que as paisagens nos estudos geográficos, foram sendo concebidas como interfaces, diferente da descrição dos pintores, a diferença encontramos, pelo fato de para os geógrafos existem diversos pontos de vista, para sintetizar as paisagens. Com Humboldt e suas oscilações na ótica para explicar o mesmo ambiente, uma reconstrução ordenada do que os pontos de vistas consecutivos que inicialmente abarcavam do ponto mais alto ao mais baixo de um relevo e permitiam novas descobertas, porém conforme o autor, ainda existia proximidade da forma de olhar dos pintores, essa distinção ocorre somente a partir da concepção da paisagem como interface:

A partir do momento em que a paisagem é concebida como interface entre atmosfera e litosfera/hidrosfera, ou entre natureza e cultura, é grande a tentação - depois que a analisamos - deve levar os resultados para um mapa. A visão do geógrafo deixa de ser horizontal ou oblíqua. Ela se torna vertical (CLAVAL, 2004, p. 250).

Segundo o autor com visão vertical, potencializa-se a percepção, podendo os olhares abarcarem elementos que encontravam-se negligenciados. A visão vertical faz com que proliferem novos usos do termo paisagem, como as paisagens agrárias de Fénelon. Entendemos em Claval que a ótica vertical é importante e necessária para o exercício da visão do geógrafo, esse exercício demanda de transformações com a preocupação de não reduzir os estudos da paisagem a visão vertical. É papel do geógrafo ser ativo e evitar facilidades para o olhar vertical e sim saber utilizar as duas formas de perspectiva, a horizontal em consonância com a vertical e ambas contemplem-se sustentando uma análise consistente de informações.

O autor nos esclarece da diferença da visão vertical na interpretação das paisagens naturais e nas humanizadas. Nas paisagens naturais, os geógrafos físicos tem uma ótica a partir do alicerce de um determinado ambiente como ponto de partida para o entendimento dos sistemas naturais que ali se encontram, segundo o autor: "Colocar em evidência os estratos de uma floresta torna compreensível seu funcionamento" (CLAVAL, 2004, p. 254), fundamenta-se na interpretação da reconstituição de sequencias evolutivas na paisagem.

A geografia humana a visão vertical apoia-se na visão cartográfica, interpretação funcional da paisagem, como exemplo o autor menciona as paisagens agrárias de sistemas agrícolas em campos abertos e a forma de organização do trabalho e consumo da comunidade que ali mantém relações que dão forma a essa paisagem agrícola. E o que dizer das paisagens urbanas que compõe as cidades? Os diferentes tipos de construções, edificações variadas de lugar um para o outro e suas desigualdades expressas? Essas paisagens urbanas, segundo o autor não a compreenderemos sem uma ótica vertical: "(...) mas não explica seu papel, não mostra do que a cidade vive, não permite compreender seus problemas" (CLAVAL, 2004, p. 256). A perspectiva vertical apoiada da disposição de fotografias aéreas, mapas temáticos e até informações habituais de deslocamentos dos agentes que compõe a cidade: "As cidade deixa de aparecer como um caleidoscópio. Tudo se torna claro" (CLAVAL, 2004, p. 256), fica mais claro o entendimento das atividades que arranja a cidade, suas dinâmicas e formas

de organização da sociedade que a estrutura e reestrutura. Portanto, entendemos que as duas interpretações da paisagem apoiam-se numa abordagem cronológica, porém com distintas inclinações ao analisa-las. Na sequência da revisão discutiremos aqui um pouco a respeito da geografia cultural, sua criação e construção do pensamento da corrente e suas inclinações que diz respeito à orientação filosófica, padrão cultural e sua forma de estudar as paisagens.

2.2 SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL

A geografia cultural exhibe dois logradouros fundamentais, ao longo dos quais são realizados diversas pesquisas, ambos distinguem-se entre si, em sua gênese, percurso e a adoção do conceito de cultura. O que indica os dois caminhos são a Escola de Berkeley e a nova geografia cultural pós-80, ambas criadas, sobretudo nos Estados Unidos. Na geografia da Escola de Berkeley a cultura define-se em termos extensos, enfatizam as manifestações materiais, a cultura é entendida como entidade superorgânica, ela arquiteta sobre a sociedade independentemente dela, contraindo capacidade causal. Na nova geografia cultural, a cultura é restrita aos significados que são criados e recriados pelos diferentes grupos sociais, campos da vida e particulares espacialidades. A cultura não é determinante e sim um reflexo, meio e condição de existência, fundamenta-se na perspectiva interpretativa.

2.2.1 - A Escola de Berkeley ou geografia saueriana

Ao iniciarmos a discussão desta referida corrente, é imprescindível mencionar sobre Carl Ortwin Sauer e nos guiamos pelo professor Roberto Lobato Corrêa, conforme este: "(...) situa-se entre os grandes mestres que, pelo espírito crítico, criatividade, talento e liderança intelectual definiram alguns caminhos através dos quais a Geografia iria trilhar" (CORRÊA, 1989b, p. 113). Carl Sauer é o criador da Geografia Cultural Norte-Americana, também conhecida como Escola de Berkeley, conforme aponta o autor, por meio dos estudos de Carl Sauer, a Geografia Norte-Americana desprende-se do determinismo ambiental e forma palpáveis ligações com as ciências História e Antropologia.

Conforme Corrêa, Carl Sauer passou sua infância toda na Alemanha e após concluir seu bacharelado em 1908, no ano seguinte ingressou na pós-graduação da Universidade de Chicago onde receberia na sua formação, agudas influências do determinismo ambiental. Obteve seu título de doutor em 1915, segundo o autor, ele lecionou na Universidade de

Michigan no Departamento de Geologia, entre 1915 a 1922. No ano seguinte Carl Sauer vai lecionar no Departamento de Geografia na Universidade da Califórnia, em Berkeley e ao tornar-se chefe do referido departamento, inicia-se a Geografia Cultural Norte-Americana.

Ainda nos norteando pelo autor, a Geografia Norte-Americana antes da formação até 1920 fundamentava-se em três ciências que formavam o tripé de orientação dos estudos da ocasião, sobre o fato relata o autor:

A Geografia Norte-Americana teve suas origens ligadas primordialmente às ciências naturais, especialmente a Geologia, que, no último quartel do século XIX, gozava de grande prestígio e se afirmava como uma ciência voltada para o levantamento sistemático dos recursos do subsolo em fase a industrialização crescente. Secundariamente, foi influenciada pela antropogeografia alemã e, em menor escala, pela Economia, interessada na ampliação do comércio internacional norte-americano (CORRÊA, 1989b, p. 114).

Refere o autor, que inicia-se um movimento forte com críticas ao determinismo ambiental nos Estados Unidos, entre 1915 e 1920. Entre esse período formou-se a ideia que a visão determinista ambiental não se encaixara mais nos estudos científicos da época. Em seguida, logo na década de 20, surge vetores que recusam o padrão determinista, um desses vetos era o de Carl Sauer, e suas teorias no *Morfologia das Paisagens*.

2.2.2 - Sauer e o método morfológico da paisagem

Como já referido, os estudos de Sauer e a Geografia Cultural iniciou-se com a publicação de seu artigo, precisamente no ano de 1925, porém antes de iniciarmos uma análise desta obra, achamos interessante mencionar os relatos de Paulo Cesar da Costa Gomes a respeito do autor e seu método analítico. Segundo o autor antes de falar de Sauer a geografia norte-americana constrói seu renome inicial devido a dois autores: Ellen C. Sample³, aluna de Ratzel e fundamentada em um determinismo rigoroso, onde: "(...) todos os fenômenos de desenvolvimento social eram associados às condições do meio ambiente, resultante de leis

³ Geógrafa norte-americana seus trabalhos associados a antropogeografia e ambientalismo, trabalhos com interesses predominante no determinismo ambiental, a teoria de que o ambiente físico, ao invés de condições sociais, determina a cultura. No entanto, seu trabalho mais tarde enfatiza influências ambientais em oposição ao determinismo do ambiente sobre a cultura, refletindo descontentamento acadêmico.

invariáveis e gerais" (GOMES, 1996, p. 229) e W. Morris Davis⁴ com uma teoria biológica que coloca as leis de desenvolvimento da geomorfologia a partir da idéia de ciclos vitais, que fora aceita durante muito tempo, a teoria científica que admitia explicar as diferentes paisagens, bem como as suas formas e processos. Essas ideias com a perspectiva determinista permearam até os anos 20 do século XX. Não obstante, como já foi mencionada a formação de Carl Sauer, baseada neste ambiente intelectual e este não era apático, as críticas que se reforçavam na época contra o positivismo determinista e a geografia que se fundamentava nestes modelos.

Interessante o que nos aponta Gomes é que neste século, até os anos 1930 foi a separação construída e relata o autor "aparentemente incontornável" do ponto de vista regional e geral da Geografia. Segundo o autor, para Sauer essas disputas impediam uma integração estrutural das pesquisas geográficas. Ao criticar o determinismo a geografia passou a se questionada e bem fragmentada, sem uma integração e um método sucinto. Ainda norteado pelo autor, as propostas de Sauer é a tentativa de resolver os problemas que a geografia encontrava, ou seja, suas dualidades e a ausência de um método objetivo adequado, assim as realizações de estudos das paisagens com forte influencias de obras de dois autores: Passarge e Schüter⁵.

O artigo "A morfologia da Paisagem" é a obra que se oferece um método e um objeto a Geografia de até então, que se fundava com um objeto de diferentes pontos de vista, não limitando-se ao evidente, como as outras disciplinas. Nos aponta (GOMES 1996a, p. 231):

No caso da Geografia, o único objeto fundamental evidente, e o imediato estão na paisagem; esta deve ser portanto, o único objeto fundamental da pesquisa geográfica. A paisagem é concebida por Sauer como uma associação de formas físicas e culturais, o resultado de um longo processo de constituição e diferenciação de um espaço.

Entendemos que a obra de Sauer propõe um novo método e objeto a Geografia, para que esta seja considerada uma ciência, em uma época de questionamentos em relação aos estudos geográficos, sua obra é construída influenciada por críticas a sua formação intelectual,

⁴ Geógrafo norte-americano, muitos o consideram o "pai da geografia americana" devido ao seu incessante trabalho no estabelecimento da geografia como um disciplina acadêmica, pela sua influência no progresso da geografia e geomorfologia

⁵ Para esses dois autores o estudo da paisagem deve se restringir essencialmente aos aspectos visíveis, às formas, excluindo, assim, todos os fatos não-materiais da atividade humana. Cada paisagem deve ser analisada em função de suas características morfológicas e genéticas.

os métodos, bem como as monografias regionais e objetos que até então se encontravam bastante questionado.

Segundo o autor, para Sauer a geografia é: "o estabelecimento de tipologias e comparações analíticas" (GOMES 2011a, p. 232) e a descrição da paisagem a partir desses pressupostos, compreende-se como fase inicial do trabalho científico que necessita ser prolongado, posteriormente, pelo exame lógico. Nos aponta (GOMES 20011a, p. 232) sobre o método de Sauer:

Este método se caracteriza por três princípios fundamentais: as estruturas possuem sempre elementos "necessários"; todas as formas podem ser reconhecidas por suas funções homólogas em diferentes paisagens; os elementos estruturais devem ser organizados em séries, para compor tipologias morfológicas. Ele sustenta que por este método a geografia é capaz de estabelecer um conhecimento sistemático e geral, englobando todo leque de diversidade espacial, diversidade que é o verdadeiro objeto científico da geografia.

Assim entendemos o raciocínio de Sauer de que a geografia regional é a síntese do trabalho geográfico e a paisagem é o estudo desta síntese, ou seja, o método da geografia regional, percebemos claramente então que Sauer entende que o objeto da Geografia é a região e o seu método, a análise das paisagens, suas relações e associações e, ainda norteado por Gomes, a escolha de um metodologia correta para Sauer, as dicotomias como geral e particular seriam superadas: "pela descrição de "formas" (GOMES 2011a, p.233), são frutos de observações confrontadas e manifestam: "uma estrutura invariável que tem importância generalizada" (GOMES 2011a, p.233), portanto "as formas são a expressão local e empírica de um sistema abstrato funcional-lógico" (GOMES 2011a, p. 233). Portanto, percebemos em Gomes que a partir daí, na ideia de Sauer nota-se que a geografia regional é substancial, ela reafirma relações globais e gerais, contudo, entendemos que as paisagens são informações primárias da observação empírica e simultaneamente tornam-se produtos teóricos finais da pesquisa geográfica pela aplicação das lógicas genéticas e ordenadas.

Não obstante, no que diz respeito a dicotomia entre físico e humano, segundo o autor, Sauer não descarta a importância dos estudos de paisagens naturais, porém este, idealiza a cultura como um elemento morfológico mais importante. Os estudos geográficos portanto,

caracterizam em: "explicar as paisagens culturais, e a morfologia física deve ser vista como um *medium*⁶ transformado pelo desenvolvimento da cultura" (GOMES 2011a, p. 233).

Conforme Carl Sauer no artigo "Morfologia da Paisagem" ao mencionar o campo de estudo da geografia, o autor afirma primeiramente que toda ciência possui uma ótica fenomenológica, porém se o termo "ciência" for usado no sentido de um conjunto organizado de obtenção de conhecimento. Segundo o autor: "Todo campo do conhecimento é caracterizado por sua preocupação com certo grupo de fenômenos (...)" (SAUER (2011a, p. 182), para ele o conhecimento aplicar-se em: "(...) identificar e ordenar de acordo com suas relações" (SAUER, 2011a, p. 182). Para o autor esses fenômenos possuem conexões e a geografia os consideram por constituírem parte da realidade, assim sua obra é um conjunto de métodos para serem utilizados na análise das associações e conexões deste conjunto de fenômenos.

Segundo Sauer, a geografia possuía discordâncias no conteúdo, por tais efeitos ela foi dividida em três campos de discussão: a) estudo da superfície da Terra e os processos físicos; b) estudo das formas de vida e a relação com os ambientes; c) estudo da diferenciação de áreas. O autor nos aponta que existem dificuldades de abordar os três campos em uma única disciplina, isso porque há desacordos no que diz respeito à relação entre ambos, devido a gama de fenômenos, portanto a geografia necessita de delimitar seu objeto de estudo:

A botânica é o estudo das plantas, e a geologia, das rochas, porque essas categorias de fatos são evidentes a todas as inteligências que se preocupam com a observação da natureza. No mesmo sentido, a área ou a paisagem é o campo da geografia, porque é uma importante seção da realidade ingenuamente perceptível, e não uma idéia sofisticada. A geografia assume responsabilidade pelo estudo de áreas porque existe uma curiosidade comum acerca desse assunto (SAUER, 1998a, p.183).

Para Sauer nenhuma ciência se esgotou ao estudo de áreas e a geografia oferece um conjunto de informações suficientes para esses estudos, muito antes até de possuir esse nome, como relata o autor os estudos gregos e as descrições geográficas em diferentes períodos da história, assim como a conjuntura dos mitos antigos lembrando a luta do homem contra a natureza.

⁶ Grifo do autor

Conforme o autor o termo paisagem apresenta-se como definidor do conceito de unidade da geografia que caracteriza as associações peculiares dos fatos. Região e área são análogos, porém o termo região é mais sugestivo aos estudos geográficos, enquanto a paisagem: "Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distintas de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais"(SAUER 1998a, p. 187), portanto: "Os fatos da geografia são fatos de lugar; sua associação origina o conceito de paisagem" (SAUER, 1998a, p. 187). Nos aponta o autor que as paisagens possuem identidade e relações com outras paisagens, possuem uma estrutura e função que produzidas por formas complementares e dependentes, que o autor considera uma "qualidade orgânica".

As paisagens são genéricas? O sentido genérico empregado pelo autor consiste na generalização da paisagem geográfica, procedida pelo que define o autor, da observação de "cenários individuais", tais, ou autor aponta como paisagens individuais e podem ser descritas: "(...) como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas tem sempre em mente o genérico e procede por comparação" (SAUER, 1998a, p. 188). As paisagens são individuais? Define o autor elas possuem individualidade, mas mantém relações com outras paisagens assim como as formas que a compõe, formando um caráter sistemático. Sem a relação das qualidades e as formas das paisagens, permanecem fora de um caráter sistemático e fora do sentido de ciência que o autor propõe. Se definirmos a paisagem única, sem relacioná-la e organizá-la não teremos um valor científico. Ao analisar os atributos genéricos das paisagens, o pesquisador guia-se pelo que o autor denomina de "juízo pessoal", influenciando na competência da geografia e incapacidade de constituir um controle rigoroso e lógico, assim apoia-se nas opções do pesquisador.

Ao falar de paisagem natural e cultural, o autor aponta que a geografia é baseada na realidade e junção de elementos físicos e culturais da paisagem, seu conteúdo encontram-se nas qualidades físicas da área (região) que são importante para o homem, como a formas de usar área, caracterizada por fatos físico e culturais. O autor se espelha nos estudos de Krebs que divide a paisagem em duas metades: a primeira metade, o conteúdo da paisagem o autor denomina de "sítio" fundamentada na ecologia vegetal:

Um sítio de floresta não é simplesmente o lugar em que uma floresta está; em seu sentido completo, o nome é uma expressão qualitativa de lugar em termos de crescimento florestal, geralmente para a associação florestal específica que está ocupando o sítio. Nesse sentido, a área física é o

somatório de todos os recursos naturais que o homem tem à sua disposição na área. Está além da sua capacidade acrescentar qualquer coisa e esses recursos; ele pode "desenvolvê-los", ignorá-los em parte ou explorá-los (SAUER, 1998a p. 192)

A segunda metade do conteúdo da paisagem é a sua expressão cultural e segundo autor, vista como uma "unidade bilateral", aponta:

Há uma forma estritamente geográfica de se pensar a cultura, a saber, a marca da ação do homem sobre a área. Podemos pensar nas pessoas como associadas dentro de uma área com ela, como podemos pensar nelas como grupos associados por descendência ou tradição (SAUER, 1998a p. 192).

O método morfológico de Sauer consiste nos estudos comparativos, de contorno organizada das associações e ordenamentos dos fenômenos, como suas formas integradas a estruturas, esse método segundo o autor é empírico e apoia-se em três pressupostos:

- 1. Existe uma unidade de qualidade orgânica ou quase orgânica, ou seja, uma estrutura para qual certos componentes são necessários, esses elementos componentes sendo chamados "formas" nesse estudo.*
- 2. S semelhança de forma em estruturas diferentes é reconhecida em função da equivalência funcional, as formas sendo, então, "homólogas".*
- 3. Os elementos estruturais podem ser dispostos em série, especialmente em sequência de desenvolvimento, indo de um estágio impaciente a um estágio final ou completo (SAUER, 1998a, p. 192).*

Entendemos que o estudo morfológico não se concentra em um sentido biológico, mas sim procura fazer uma analogia orgânica por considerar as relações de conceitos de unidade organizadas. Essa analogia, segundo o autor é mais difundida nos campos da pesquisa social e rege a conclusões mais apropriadas. Para Sauer o método morfológico não é restrito as ciências biológicas, apesar de o termo morfologia ter surgido nos estudos biológicos de Goethe, onde segundo o autor, o interesse era nos limites do conhecimento da natureza: "Na biologia, é o estudo das formas orgânicas e suas estruturas, ou a arquitetura dos organismos" (SAUER, 1998a, p. 193). O método morfológico no campo social consiste em sintetizar os fenômenos, uma síntese contínua que relata o autor, servido com maiores sucessos na Antropologia.

Na geografia, a morfologia como termo e o método foram incorporados primeiramente pelos estudos regionais comparativos de Carl Ritter, porém ligeiramente foi restringida a

consideração da forma superficial dos terrenos. A definição de Grisebach que mencionava a importância de considerar a relação das formas dos relevos teve ampla importância ao ser aplicado no campo da geografia. A partir daí, a difusão do interesse de descobrir a origem das formas do relevo, originaram pouco depois a Geomorfologia, liderados pelos estudos de Von Richthofen, de Peschel e de La Nöe, que baseava-se: "(...) na ingênua classificação descritiva das formas da superfície (...)"(SAUER, 1998a, p. 194). Segundo autor consiste na morfologia corológica, onde: "(...) a tendência crescente tornou-se classificar na base do processo e ligar essas formas a formas passadas cada vez mais remotas" (SAUER, 1998a, p. 194). O avanço dos estudos como os dos Historiadores que dedicavam a estudos genéticos da forma da Terra influenciaram em estudos no campo da geologia, pois estes especialistas: "(...) se dedicaram à construção de formas teóricas deduzidas de processos físicos individuais"(SAUER, 1998a, p. 194). Contudo, segundo o autor, a geografia foi derrotada quase por finalizado no que diz respeito aos seus objetivos, tornando a geomorfologia um campo separado da ciência geral da Terra.

O que Sauer denomina "morfologia genética autônoma" (1998a, p. 194) induziu a reações opostas de geógrafos que trabalhavam com a corologia, por tornar-se irreconhecível como geografia: "Sob uma apropriação indébita do termo, houve uma tendência de não considerar, conseqüentemente, as possibilidades do método morfológico" (SAUER, 1998a, p. 194). Com os estudos de La Blache e as monografias regionais, restaura a morfologia em seu caráter exato. O método das monografias regionais: "(...) exprimiram bem mais adequadamente do que já fora feito antes o conteúdo completo da forma e a relação estrutural da paisagem descobrindo na paisagem cultural a expressão máxima da área orgânica"(SAUER,1998a p.194). A posição do homem e suas efetivações constrói o mais importante fator e formas da paisagem. Sobre o emprego inadequado dos objetivos geográficos, definindo a morfologia como um estudo causal das formas do relevo, se divide em três considerações, relata o autor:

1. O relevo é somente uma categoria da paisagem física e geralmente não é a mais importante; ele quase nunca fornece a base completa de uma forma cultural.

2. Não existe necessariamente uma relação entre o modo de origem de uma forma de relevo e seu significado funcional, o assunto como o qual a geografia está mais diretamente envolvida.

3. Uma dificuldade inevitável com uma morfologia puramente genética das formas de relevo é que a maior parte das características reais do relevo terrestre é de origem muito complexa (SAUER, 1998a, p. 195).

Segundo o autor a morfologia genética e suas considerações acabam negligenciando algumas características do relevo e a síntese estrutural do mesmo, a morfologia genética desconsidera elementos da forma do relevo que contribuem para uma análise causal, essa morfologia seleciona fatos do relevo que são legíveis, porém existem formas anteriores ou remotas e expressões temporais de complicada determinação. Agora apresentaremos através dos estudos de Carl Sauer as características do método morfológico, como a descrição sistemática e as formas de paisagem.

2.2.3 - Descrição sistemática

A descrição sempre acompanhou os estudos geográficos, a geografia começou descrevendo e armazenando, assim, configura-se um estudo sistemático. Conforme o autor a descrição através das observações, são materiais preliminares, essa descrição sistemática relaciona-se com a morfologia dando abertura a síntese morfológica. Relata o autor que essa descrição sistemática não é distinguível da morfologia e sim possui um valor crítico menor. O autor nos aponta o problema da descrição geográfica no que diz respeito a disponibilidade de termos. Os fatos descritos, segundo Sauer sempre tiveram contribuição popular, tornando dispensável a criação de termos. Apoiado na afirmação de Salisbury de que os nomes populares utilizados na forma da paisagem poderiam continuar a codificação sem que ocorressem criações de novos termos, o autor constrói: "(...) uma lista de termos que está enriquecida com base em muitas línguas" (SAUER, 1998a, p. 196), sobre tais, nos aponta que: "Esses termos se aplicam largamente às formas do solo, drenagem e formas climáticas tanto quanto se aplicam à superfície terrestre"(SAUER, 1998a, p. 196).

O uso popular contribuiu bastante para riqueza dos termos, bem como as associações vegetais e os termos das formas culturais e segundo Sauer: "A terminologia popular é uma sanção aceitável do significado da forma, como é subentendida em sua adoção"(1998a, p. 196). As nomenclaturas populares são ricas em significados genéticos e em consonância a uma avaliação corológica adequada enfatiza-se as afinidades e contrastes de formas, ou seja, um somatório genético. Para o autor a geografia necessita de ampliar o vocabulário descritivo, se a mesma tem o objetivo de apoiar-se na descrição sistemática, a escassez dos termos

descritivos é evidente em relação a outras ciências. Quais são as causas dessa escassez de termos para descrição geográfica dos fatos ? O autor nos responde que: "Entre as causas que contribuíram estão a tradição idiográfica de descrição não relacionada e a preferência por estudos de processos que minimizaram a multiplicidade real das formas"(SAUER, 1998a, p. 197).

A descrição reduzida a um sistema, segundo o autor, tem ampla oposição dos geógrafos, essa redução quando ocorre, o geógrafo é livre e responsável por qualquer que seja o estudo que o mesmo inaugure e portanto, utiliza desta mesma liberdade para escolher e abandonar suas análises. A geografia como ciência deve abrigar todos os meios admissíveis para a coleta de dados, nos aponta o autor que as distintas observações somente podem ser confrontadas no que refere-se aos seus descobrimentos se existir concordância possíveis com relação as categorias do fatos que elas suportam. A busca de uma síntese geral nos estudos regionais através da literatura geográfica que como foi referida encontra-se escassa, prontamente deparam com dificuldades de ajustamento de informações. Logo que, para a geografia se tornar sistemática deve existir concordância no que concernem os componentes da observação.

Portanto o autor defende um traçado de descrições gerais e a finalidade consiste em pautar amplamente os fatos em áreas, sem alcançar a questão de origem e vinculações incertas, essa proposta ele apoia-se nos estudos de Passarge, para o autor esses estudos foram o mais adequado que a descrição geográfica já teve. Sauer nos aponta que Passarge nos estudos sobre as formas da paisagem elabora um esquema de preparação de notas com todas as classes de formas da paisagem, que vai dos efeitos atmosféricos as formas de habitação, passando posteriormente a uma categorização descritiva que associam as formas em áreas mais extensas. Segundo Sauer, pode-se compreender que a metodologia descritiva de Passarge está fundamentada na ampla experiência em estudos de área, onde uma avaliação com relação aos elementos expressivos da paisagem foi formado, tudo isto, através da noção morfológica. Esse conjunto de aportes que organiza Passarge, conforme Sauer, torna-se um artifício para a coleta do que deseja-se para uma morfologia de área e o adiamento da explicação, até que todas as informações sejam classificadas.

2.2.4 - Estruturas e formas de paisagem

Para construirmos um juízo sobre paisagem deve-se identificar as relações associadas ao tempo, como também as relações vinculadas ao espaço. A mesma está em constante desenvolvimento e substituição. Na dimensão corológica, de grande importância são as modificações das áreas pelo homem e sua apropriação para uso. Segundo o autor, a área antecedente a intervenção do homem é concebida por um conjunto de fatos morfológicos, esse primeiro estágio é denominado de paisagem natural, portanto, os fatos iniciais pertencem ao campo da geologia.

As formas que foram introduzidas pelo homem pertencem a outro conjunto, onde essa análise está restrita a geografia. A ação antrópica expressam-se nas paisagens culturais, onde pode haver sucessões dessas paisagens com a sucessão de culturas, conforme o autor: "Elas derivam, em cada caso, da paisagem natural, com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação"(SAUER, 1998a, p. 199). Entendemos que a paisagem cultural está sujeita a constantes mudanças pelo desenvolvimento ou substituição de culturas, deste modo o autor nos alerta que: "A divisão de formas em naturais e culturais é a base necessária para determinar a importância da área e o caráter de atividade humana"(SAUER, 1998a, p. 199).

Importante relatar é a diferença sobre as paisagens naturais, entre: "(...) a pesquisa histórica sobre a origem das características e sua organização estritamente morfológica em um grupo de formas, fundamentais à expressão cultural da área"(SAUER, 1998a, p. 199). Nos alerta o autor que os geógrafos devem preocupar-se com a primeira característica, os geógrafos devem estar atentos: "(...) com aquela fase mais primitiva da geologia, chamado geognose, que considera o tipo e a posição material, mas não a sucessão histórica" (SAUER, 1998a, p. 200). Segundo Sauer, a condição geognóstica ajusta a base de conversão dos elementos geológicos em estimativas geográficas, portanto o geógrafo interessa-se por: "(...) saber se a base da paisagem é calcário ou arenito, se as rochas são maciças ou intercaladas, se são fraturadas ou são afetadas por condições estruturais expressas na superfície"(SAUER, 1998a, p. 200).

Sauer nos alerta sobre a importância da base climática na construção das formas da paisagem natural. O clima determina a semelhança ou contraste entre as paisagens naturais, assim sob um determinado clima uma respectiva paisagem irá se desenvolver ao longo do

tempo. O mesmo nos aponta o papel da fisiografia nos textos e a negligência no que diz respeito a base climática:

A impossibilidade de observar o conjunto climático de processos fisiográficos como diferindo muito de região para região pode ser causada pela experiência insuficiente em diferentes áreas climáticas e pela predileção por uma abordagem dedutiva. A maioria dos estudos fisiográficos foi feita em latitudes intermediárias de abundante precipitação, e existe uma tendência de pensar nas ações sem termos de um meio climático padronizado (SAUER, 1998a, p. 201).

Aponta o autor que as análises podem partir da consideração da diversidade dos climas nas áreas, essa consideração prontamente prolifera diferenças diárias e sazonais de temperatura, de precipitações no que concerne a distribuição, quantidade, intensidade e as formas nas áreas, além dos ventos que variam conforme as áreas. Para Sauer o estabelecimento das formas das paisagens naturais possui maior valor geográfico, através da síntese de cada área climática. Não obstante a relação existente entre a paisagem e o clima são expressa, em parte, por meio da vegetação: "(...) que limita ou transforma as forças climáticas" (SAUER, 1998a, p. 202). Portanto, para o autor é necessário reconhecer a presença ou falta de cobertura vegetal, bem como o tipo de cobertura, sua relação com o clima, além dos materiais que encontram-se na superfície e atuam no certo ambiente. A posição com menção à paisagem natural, segundo Sauer (1998a) abrange a reafirmação do espaço da geografia física, além disto, ela liberta-se da geologia e da fisiografia com a morfologia física. Contudo a geografia física segundo o autor consiste na introdução favorável à completa análise corológica.

Conforme Sauer (1998a), a paisagem cultural incide no último significado da área geográfica, e as efetivações do homem são as formas que a compõem. A geografia deve preocupar-se com as marcas do homem na paisagem, bem como as formas de população, habitação, produção e comunicação. Como fora já mencionado, a paisagem cultural é modelada a partir de uma determinada paisagem natural, a cultura é o agente, o meio natural, assim a paisagem cultural torna-se o resultado da relação de ambas. Por influência de uma cultura e a mudança ao longo do tempo, a paisagem proporciona um desenvolvimento, passando por etapas e chegando à conclusão do ciclo de desenvolvimento. Sauer (1998a) relata que com a entrada de uma cultura diferente, isto é, estranha ao padrão cultural que conduz, funda-se então um rejuvenescimento da paisagem cultural ou a sobreposição da nova

paisagem sobre a antiga. Ainda sobre a relação entre paisagem natural e cultural, nos aponta o autor sobre a importância:

A paisagem natural é, evidentemente, de fundamental importância, pois fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura. Dentro dos amplos limites do meio físico da área, há muitas escolhas possíveis para o homem, como La Blache cansou de apontar. Esse é o significado da adaptação, por meio da qual, auxiliado por aquelas sugestões que o homem aprendeu a partir da natureza, talvez por um processo imitativo, amplamente subconsciente, atingimos o sentimento de harmonia entre o habitat humano e a paisagem com a qual ele se mistura de forma tão adequada. (SAUER, 1998a, p. 209).

Para finalizarmos o exame da obra de Carl Sauer, entendemos o objetivo do autor em delimitar um objeto de estudo e uma metodologia de análise para a geografia, isso o autor apoia-se em estudos anteriores aos seus, além da tentativa de sanar com as fragmentações encontradas na geografia e os questionamentos que haviam sobre a ciência. Contudo, norteado por Gomes: "A preocupação de Sauer, como dos autores da época, era a de construir uma geografia moderna (1996, p. 233)". Entendemos a tentativa do autor em diferenciar o trabalho do geógrafo de outros especialistas nos seus estudos sobre a superfície terrestre.

Tendo em vista, percebemos em estudos posteriores ao artigo Morfologia da Paisagem, o alerta que o autor faz no que diz respeito ao cuidado com o método geográfico, isso pelos instrumentos da geografia, em parte, possuir afinidade com outras ciências da observação: "Não é simplesmente uma questão de tomar notas em pontos interessantes, mas de compreender a totalidade da área quanto à forma e à estrutura"(SAUER, 2000b, p. 83). Para os registros das observações o autor aponta os produtos cartográficos: "O mapa é o símbolo da ciência cartográfica, a expressão corológica em si"(SAUER, 2000b, p. 83). Porém os produtos cartográficos não fornecem uma explicação completa, é preciso utilizar da análise causal: "A concordância na distribuição de tipos de fenômeno torna-se cada vez mais conclusiva quanto à conexão causal, quanto maior números de caso nos quais é observada" (SAUER, 2000b, p.83). O autor aponta sobre a importância do método histórico, sempre em consenso com as causalidades para explicar as formas, através do estabelecimento de sequências em tais: "A geografia em todos os seus ramos, tornou-se genética e, por esse motivo, histórica. Nossa tarefa é rastrear as transformações da paisagem, incluindo os sucessos variáveis do homem, expresso na área" (SAUER, 2000b, p.84). Não obstante, nota-se neste trabalho, a preocupação do autor em explanar o desenvolvimento da geografia

não acadêmica e acadêmica na Europa e na América, especificamente Estados Unidos, porém aponta diferenças no desenvolvimento da geografia nos continentes. Na América o desenvolvimento acadêmico foi mais lento, havendo um contraste de desenvolvimento na Europa em relação aos Estados Unidos.

O autor propõe uma geografia com orientação unitária, a geografia como investigação unificável onde a trabalho geográfico possa ser agrupado. E após apresentar as diferentes opiniões agrupada em divisões, propõem a paisagem como o método da geografia, sobre as opiniões ele divide elas em quatro: 1) "Há os que veem um amplo pluralismo na geografia"(SAUER, 2000b, p. 64); 2) "Ao grupo associado à visão unificada e provavelmente do universo (...) "(SAUER, 2000b p. 65); 3) "Outro grupo vê "Onde" a qualidade característica da geografia"(SAUER, 2000b p. 65) e 4) "(...) pelo acúmulo constante e crescente de dados regionais, referentes à paisagem em si"(SAUER, 2000b, p. 65). A utilização da paisagem para descrever e explicar de acordo como os métodos escolhidos ao alcance obtenham assim um sentido as suas observações por sínteses, gradativamente acumulam dados descritivos, obtidos pelos acordos de utilização dos métodos. Sobre a geografia com posição unitária e a paisagem como objeto relata o autor:

Então, torna-se tarefa da geografia apreender o conteúdo, a individualidade e as relações em área, na qual o homem merece sua devida atenção como parte da própria, mas somente na medida em que ele, por sua presença e suas obras, seja significativo por um conjunto definido de fatos observáveis que podem ser estudados quanto à sua associação de origem. Tal estudo torna-se científico se percebemos as conexões entre as características da paisagem e suas derivações, alcançando, assim conceitos gerais ou relativos a grupos (SAUER, 2000b, p. 66).

Portanto, percebemos o incessante trabalho de Carl Sauer em unificar e propor métodos mais adequados aos estudos geográficos para que a geografia como ciência tenha sua particularidade.

2.2.5 - Nova Geografia Cultural ou Geografia Cultural pós- 1980

Até a década de 1950 os estudos dos geógrafos culturais tiveram essas orientações, a cultura sendo o fator condicionante para as transformações do homem nas áreas. Nos guiamos novamente por Roberto Lobato Corrêa, a geografia cultural provocaria diversas críticas procedentes de várias direções, até mesmo de geógrafos regionais como Hartshorne e sua

crítica à geografia cultural por só preocupa-se com um elemento (a paisagem) que se inter-relacionam nas áreas. Dentre essas críticas, apontamos aqui a que explana o conceito de cultura utilizado por esta geografia cultural. Sobre a crítica ao modelo cultural, nos relata o autor:

Em outras palavras, os geógrafos culturais estariam mais voltados para fenômenos de divergências do que convergência cultural, esta sendo associada a uma certa homogeneização de grupos sociais sob o impacto da expansão capitalista. Daí seus interesses voltarem-se para estudos em áreas culturais "não-ocidentais" (CORRÊA, 1989b, p. 119).

Os geógrafos culturais eram muito seletivos em seus estudos, bem como os extensos estudos sobre religião em relação aos estudos sobre línguas, além da melhor compreensão sobre os aspectos materiais e a negligência dos aspectos não-materiais. Porém a crítica que consideramos mais importante e que apontou uma nova direção para a geografia cultural foi a sobre o conceito de cultura, com profundas críticas de antropólogos. Esse padrão cultural é entendido como uma entidade superorgância, fundamentado por Herbert Spencer, segundo Corrêa: "pai do darwinismo social" (1989b, p. 119) e concebida por Alfred Kroeber e Robert Lowie no início do século XX. Para explicar esse conceito de cultura, nos apoiaremos em James Duncan, na sua obra, o autor faz uma crítica ao modelo de cultura utilizados até então pelos geógrafos culturais.

O autor inicia a crítica com uma discussão sobre a separação entre indivíduo e sociedade, atualmente essa separação encontra-se aceita no pensamento popular, porém o autor relata que não foi sempre assim, como na Idade Média onde os indivíduos já tinham determinados seu papel na sociedade. Segundo Duncan, as mais importantes teorias sobre indivíduo e sociedade: (...) "podem ser classificadas como holísticas ou individualistas, dependendo da natureza de suas soluções para os "problemas de ordem" na sociedade" (DUNCAN, 1980 p. 64). O autor relata que há uma pluralidade de teorias nas ciencias sociais e atualmente apoiam-se na suposição dos indivíduos serem independentes uns dos outros, ou seja, atomísticos. Contudo, Duncan demonstra que há discordância entre os intelectuais que seguem essas respectivas atitudes mencionadas acima. Sobre esta discordância, aponta o autor:

A discordância entre os seguidores das duas posições é a seguinte: devemos considerar os eventos sociais de larga escala como mera agregação das ações, atitudes e circunstâncias dos indivíduos que participam destes eventos ou são sensíveis a seus resultados, como deve ser o caso, ou os

eventos devem ser explicados em termos de seu próprio nível de análise autônomo e macroscópico? (DUNCAN, 1980, p. 66).

Para os individualistas, a força ativa são os indivíduos. Os holistas acreditam que os conjuntos sociais são as forças ativas. Porém: "Ambas as posições aceitam que é razoável argumentar que as explicações devem ser fundamentalmente organizadas em termos de conjuntos sociais e não de agentes humanos individuais (...)" (DUNCAN, 1980, p. 64).

O modelo cultural supraorgânico foi desenvolvido no seio da antropologia americana com Alfred Kroeber e posteriormente utilizada por Robert Lowie, uma tese que consiste na autonomia da cultura, conforme Duncan: "Este trabalho marcou o início do determinismo cultural na antropologia americana, uma perspectiva que só começou perder vigor nos anos 1950" (1980, p. 67). A realidade é composta por estágios, a base é inorgânica, segue para orgânica, que por sua vez é vestido por um estágio psicológico e por fim o estágio cultural, estão interligados, porém separados por áreas de investigação, possuem suas particularidades e casualidades. Não havendo como transferir uma explicação de um estágio para o outro. Duncan nos aponta que os autores preocupam-se com a relação entre o indivíduo e o meio social supraorgânico, em parte, uma tentativa de distinguir a antropologia, da psicologia e sociologia, mantendo foco na cultura como independente da realidade. O autor nos delimita:

Em "The Superorganic", Kroeber primeiro volta-se para a questão da relação do individual com o nível sociocultural. "Mil indivíduos não fazem uma sociedade. Eles são uma base potencial de uma sociedade: mas não são eles mesmos que a causam". Na verdade, é o nível sociocultural que faz com que os homens se comportem da maneira com que se comportam (DUNCAN, 1980, p. 68).

Segundo o autor essa teoria não preocupa-se com o indivíduo, este é um agente das forças culturais, um mensageiro que leva informações por gerações de um lugar para o outro. Assim como na sociologia de autores com Durkheim, a idéia central de valores culturais é o mesmo para o conceito de supraorgânico. Esses valores culturais controlam as mentes humanas e determinam a conformação da vontade, supraorgânico controlam os indivíduos externamente através do conjunto de valores culturais. Assim o autor relata que Kroeber e White, assim com Durkheim são autores holistas transcendentais, a cultura não é reduzida ao indivíduo. Apesar de Robert Lowie concordar com a teoria de Kroeber, eles tinham inclinações diferentes em algumas questões, como para White, o papel da tecnologia, e no seu conceito de cultura, o papel dos símbolos e o termo simbólico, que foi muito acoplado por

intelectuais da nova geografia cultural. A partir do final da década de 1970 e a década seguinte, a geografia cultural incidiu por um procedimento de renovação, calcada da tradição da Escola de Berkeley e o conceito de supraorgâncio que os geógrafos culturais adotaram é profundamente criticado. Essa década é marcada pela nova forma de analisar a cultura. Essa crítica é feita por geógrafos como o referido acima, James Duncan e Denis Cosgrove.

Primeiramente, antes de expor nesta parte os autores que contribuíram para essa corrente de pensamento, teceremos aqui alguns estudos que tiveram grande importância nesta construção, pois essas contribuições consistem na orientação filosófica da corrente e o papel da interface que geografia vai buscar na psicologia social. É com o autor Eric Dardel que iniciaremos nossa revisão, esse autor foi um professor de geografia e história, diretor do Liceu Jean Jacques Rousseau em Mortmorency, na França no período de 1899 a 1967. Na sua obra "O Homem e a Terra" fundamenta-se no debate em defesa da geografia como a relação entre o indivíduo e a superfície terrestre, essa relação que o autor denomina: "geograficidade" (DARDEL, 2001, p.1), essa relação geográfica que implica na existência e destino do indivíduo.

Refere que o espaço geográfico é homogêneo e indefinido, é dono de espaços individualizados e o indivíduo com suas realizações nos lugares oferecem as singularidades. Para o autor o conhecimento geográfico apoia-se com base na etimologia: a descrição da Terra. Esse termo grego que propõe a superfície terrestre como uma escritura a ser decifrada, onde as aparências terrestres, ou seja, os relevos, os rios, os oceanos, etc. São símbolos deste texto, logo: "O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre a condição humana e seu destino" (DARDEL, 2001, p.2). O papel da descrição é ressaltado junto ao da imagem. O geógrafo ao observar e descrever a Terra, relatando as feições que nela há, faz uma analogia a um poeta escrevendo uma poesia, ou seja, uma escrita literária.

Dardel refere diferentes espaços geográficos: Espaço Material: "É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça o homem"(DARDEL, 2001, p.8). Esse espaço material se torna realidade quando a superfície terrestre tem o sentido de serventia para o indivíduo, uma ferramenta para o este utilizar. A realidade geográfica do espaço material é composta pelo imagético e as materializações. Não obstante Dardel da importância ao afastamento (distância) e a direção nas realizações do indivíduo no espaço material. "A distância é

experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de perto ou longe"(DARDEL, 2001, p.10). Os indivíduos são desorientados e hesitam uma direção a ser tomada e afirmam sua liberdade ao eliminar ou reduzir as distâncias: "O afastamento real, o que é geograficamente válido, depende dos obstáculos a serem vencidos, do grau de facilidade que um homem coloca um lugar ao alcance"(DARDEL, 2001, p. 10). Por conseguinte: "O afastamento e a direção definem a situação. Esse termo evoca apenas a imobilidade e a permanência: é um sítio estável e inerte" (DARDEL, 2001, p.14)

O autor relata os outros espaços existentes, o aéreo, o aquático, o telúrico e o construído, mantendo sempre em evidência na existência do indivíduo nos lugares, suas realizações cotidianas, seja ela coletiva ou individual na sua relação com Terra. Sobre a paisagem relata: "A planície cerca o homem de silêncio e de melancolia. Solo e vegetação, céu de inverno, a feição local e familiar da Terra com suas distâncias e suas direções, são todos os elementos geográficos que se consagram na paisagem"(DARDEL, 2001, p.30) e continua o autor: "Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une todos elementos"(DARDEL, 2001, p.30). A paisagem é um reflexo da condição social dos indivíduos e comporta uma marca da vivência do mesmo, logo: "A paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma forma de ausência. Ela fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspeta e atarefada" (DARDEL, 2001, p.32).

A obra do professor Eric Dardel contribui grandiosamente para a geografia cultural, sua obra é a afinidade da ciência filosófica fenomenológica e a geografia. Consiste em uma análise fenomenológica da relação visceral que o indivíduo mantém com a Terra e logo é muito citada por geógrafos humanistas que buscam o lugar como categoria de análise. A nova geografia cultural apoia-se também nos estudos da psicologia social, é o conceito de "representação social" de Serge Moscovici em seu livro: Representações sociais: investigação em psicologia social e posteriormente continuado por sua discípula Denise Jodolet, na década de 1960. O conceito é um resgate das ideias de Durkheim.

Segundo Sêga (2000) em sua análise das obras de Moscovici, as representações sociais são formas de interpretar e pensar a realidade cotidiana. Há diversas formas que as

intervenções sociais se expressam pelo contexto que situa-se um dado grupo. Essas intervenções mantêm comunicação e um acordo com um conjunto de códigos, símbolos, ideologias, ou seja, valores culturais que estão em posições sociais específicas. Essas representações são conhecimentos práticos e dão sentido aos eventos cotidianos da nossa realidade, elas são atribuições da posição que os indivíduos ocupam na sociedade e sempre representam algo. Contudo, por Sêga (2000) entendemos que essas representações são processos que estabelece a relação entre o mundo e as coisas, ela possui um lado figurativo, com aspecto imagético e o lado simbólico, são indissociáveis. Esses fenômenos representativos são divididos por Moscovici em duas questões que são base da teoria: a) Como o social intervém na elaboração psicológica que constitui a representação social? b) Como a elaboração psicológica intervém no social?

As representações sociais então, segundo Sêga (2000) possuem dois estágios: ancoragem e o sistema de interpretação. O primeiro é o processo de enraizamento social da representação, ou seja, a aceitação da ideia, a intervenção social se manifesta na significância e na utilidade que lhe são impostas. A segunda tem a função de mediar o indivíduo e o seu meio ou membro e um grupo. Portanto as representações sociais servem para orientar as condutas e práticas sociais. Sêga (2000) nos aponta que Denise Jodolet apresenta cinco características das representações sociais: a) representação de um objeto; b) caráter imagético; c) caráter simbólico e significante; d) caráter construtivo; e) caráter autônomo e criativo. O conceito de Serge Moscovici uniu a sociologia de Durkheim: as representações coletivas e individuais. Os indivíduos estão sempre em grupos, logo as representações são fenômenos sociais e não individuais. A imagem serve para difundir as ideias e quando materializadas, manifestam-se na pintura, nos filmes, nos textos, nos desenhos, nos meios de comunicação, na arquitetura etc. São criações do mundo e servem para distinguir os acontecimentos, as pessoas ou objetos.

A geografia cultural pós-1980 fundamenta suas orientações a partir desses pressupostos, os geógrafos culturais desta corrente obtém novos métodos de análise para a categoria paisagem. Estamos circundados de significados, Denis Cosgrove, geógrafo cultural americano nos aponta sobre o Mundo dos significados, o papel da imaginação, da cultura e o cuidado que os geógrafos culturais devem ter em suas análises. Segundo Cosgrove (2000a) os geógrafos culturais tem o objetivo de apresentar as relações entre a vida humana coletiva e o

mundo natural, suas mutações que são produzidas por nossa existência e os significados que a cultura atribuem a essa existência com o mundo. Devido ao pensamento moderno e o conflito entre mito e verdade, que influencia no debate entre idealismo e materialismo, mobilizam os geógrafos culturais. Sobre refere o autor:

Reconhecemos que os seres humanos são parte da natureza, constituem-se das mesmas matérias, reagem aos mesmos ritmos e processos, estão em comunicação direta com ela por meio da existência corpórea, dos sentidos e das paixões. Reconhecemos também que o intelecto e a razão permitem separação e distinção conceituais entre o mundo humano e natureza. Ao satisfazer esses dois aspectos, o ser humano interfere no mundo natural, altera-o, nesse processo, transforma a si próprio. Para nós humanos, não há um mundo natural que exista para si mesmo, ou, pelo menos, se a ideia é pensada, nosso entendimento desse mundo é mediado pela consciência de que, dessa forma, transformamo-lo em resultado da cultura (COSGROVE, 2000a, p. 106).

Deste modo não existe indivíduo natural, este é portador de uma cultura. Assim é um debate entusiasmado entre os geógrafos culturais, no que diz respeito aos significados do mundo que rejam em torno da relatividade atribuída à existência material que oferece forma e conteúdo à cultura e a consciência. O autor ressalta a imaginação como percussora de todas as ações do homem, a imaginação como primeiro estágio de transformação do indivíduo perante o mundo. A imaginação não é inteiramente reprodutiva, muito menos, meramente produtiva. Segundo Cosgrove (2000a) é importante reconhecer a imaginação como ideia central para construir os significados e sanar com os antagonismos, deste modo, pretende-se abordar mais do elementos resultantes da relação homem e o mundo natural. Sobre a função da imaginação relata Kearney (1991) apud Cosgrove (2000a, p. 106-107):

A imaginação ao contrário, desempenha um papel simbólico, capturando dados sensoriais sem reproduzi-los como imagens miméticas e "metamorfoseando-os" por meio de sua capacidade metamórfica de gerar novos significados.

Portanto, entendemos que a imaginação é o primeiro estágio de transformação do indivíduo na sua relação com a natureza, ela tem a função central na construção dos significados para o mundo e na fuga dos dualismos existentes, logo, irão definir uma respectiva cultura. Porém o autor nos aponta que estes pressupostos não resolvem as problemáticas provocadas por essa área de estudos que tem a proposta de revelar o que o mundo significa. Cosgrove (2000a) apresenta quatro desses problemas com condições

diferentes de nitidez, são eles: 1) imaginação individual e coletiva; 2) horizontes temporais e imaginação; 3) o passado e o futuro na imaginação cultural e 4) cultura, modernidade e significados múltiplos. Todos os quatro problemas são analisados considerando a imaginação, a linguagem, a cultura e a relação da vida humana e o mundo natural, o linear e o cíclico, a construção dos significados do mundo são divididos em três conjuntos simbólicos: símbolos cósmicos, oníricos e poéticos. Uma relação indissociável de significados distintos para cada cultura, bem como a ideologia, a utopia, a geometria, como as formas arquitetônicas.

Vivemos em um mundo repleto de significados, que são expressados, por meio de símbolos culturais e nossas práticas são expressas na paisagem. Vai dizer Cosgrove (1998b) a geografia nos cerca. A geografia humana também deve direcionar seus estudos também seguindo dois pressupostos: a que o autor vai denominar de: "mágica da geografia"(COSGROVE, 1998b, p. 221), compreender a vida humana e suas expressões na paisagem humana, mostrando que a geografia existe para ser contemplada. O segundo que é esquecida devido ao funcionalismo objetivo de explicação geográfica, são: "(...) as paixões inconvenientes, às vezes assustadoramente poderosas(...)" (COSGROVE, 1998b, p. 222), que influenciam nas ações humanas, ou seja, as ações morais, religiosas, sexuais, patriótica e políticas. Segundo o autor essas ações influenciam no comportamento diário dos indivíduos e a geografia humana nega ou ignora. Devido a isso, a geografia negligencia muitos significados contidos na paisagem humana

Cosgrove (1998) defende um geografia humanística para estudar a paisagem, o bom emprego de aptidões interpretativas e tratá-la como um fenômeno humano intencional combinado por diversos significados O objetivo é idealizar a geografia humana como uma *humanidade*⁷ e: "Assim, o que será analisado deve ser visto como uma avaliação pessoal de possibilidades"(COSGROVE, 1998b, p. 222). O autor divide a discussão em três termos: paisagem, cultura e simbolismo. Sobre paisagem refere o autor:

Assim a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e cujo mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente. Neste sentido, a paisagem é um conceito complexo de cujas implicações desejo especificar

⁷ grifo do autor

três: 1) um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; 2) unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente; 3) a idéia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam o nosso mundo. Tal intervenção, deve-se ressaltar, não é indiferente, exploradora ou destrutiva, mas uma relação que harmonizaria a vida humana com a ordem ou o modelo inerente da própria natureza (COSGROVE, 1998b, p. 223).

A paisagem é, portanto, um conceito exclusivamente precioso para uma geografia eficaz humana, a paisagem nos lembra sobre nossa posição no plano da natureza. Ela nos alerta que a geografia nos cerca. Sobre cultura, segundo Cosgrove (1998) existe relação desta com a consciência, natureza e poder. Sobre a relação com a consciência:

a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem de ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana, examinadas no capítulo de Eyles. Uma religião, por exemplo, ou um credo político só podem sobreviver se as pessoas os praticarem (COSGROVE, 1998b, p. 223).

A cultura é determinada pela consciência e pelas práticas humanas, sem tais práticas, como ir a uma igreja, uma galeria de artes ou um estádio de futebol, implicam no desaparecimento de tais construções da paisagem humana, só com a mudança nas práticas transformam a cultura. Sobre a relação entre cultura e natureza refere o autor que qualquer ação antrópica na natureza é transformada em cultura, mesmo que essa transformação não seja visível, porém relata que:

Mas muitas vezes os eventos culturais mais significativos são menos óbvios. O tomate, um objeto natural, é tirado do pé, é cortado e apresentado como alimento humano. O objeto natural tornou-se objeto cultural, foi-lhe atribuído um significado. O significado cultural é introduzido no objeto e também pode ligá-lo a outros objetos aparentemente não relacionados a ele na natureza (COSGROVE, 1998b, p. 225).

Há além disso, a relação entre cultura e poder, pois os indivíduos vivem em sociedades, as sociedades são compostas por subdivisões, bem como classe, etnia, sexo, etc. Essas divisões são decorrentes, sem medo, da divisão territorial do trabalho, acarretando em diversas posições aos indivíduos perante uma sociedade, tais posições implicam em consciência e experiência diferentes, assim culturas diferentes. Existem em uma sociedade o conflito entre a cultura dominante e as culturas alternativas. Sobre esse conflito relata o autor:

Assim, o estudo da cultura está intimamente ligado ao estudo do poder. Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas

próprias suposições tomadas como verdadeiras, como objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isso é mais bem concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum (COSGROVE, 1998b, p. 226)

Não obstante, na paisagem ainda estão expressa as marcas destas culturas alternativas. Cosgrove(1998b) ressalva a importância do símbolo nas relações dos indivíduos. A linguagem tem ampla acuidade. É necessário ter informação sobre esta, na captação das confissões gravadas na paisagem por uma cultura. Porém os símbolos então por toda parte, mas muitas vezes são perspicazes Sobre simbolismo ressalta:

O lugar de nascimento de uma grande figura nacional pode ser uma casa comum, mas tem significado simbólico enorme para os iniciados. Muito do simbolismo da paisagem é menos aparente do que qualquer um desses exemplos. Mas ainda serve ao propósito de reproduzir normas culturais e estabelecer os valores de grupos dominantes por toda uma sociedade (COSGROVE, 1998b, p. 227).

Os jardins, parques e praças públicas são carregados de ideologias, símbolos e poder e a senil relação espaço\tempo determina a manutenção destas. A respeito relata o autor:

A despeito das grandes mudanças sociais que ocorrer desde a suas origens vitorianas, os códigos de comportamento ainda têm legitimidade no parque porque a própria paisagem, a organização do espaço, a seleção das plantas, o uso das cores e a maneira de manutenção permanecem largamente imutáveis. Ele transmitem um específico conjunto de valores. Se descrevermos a história desses parques, verificamos que o objetivo explícito de seus criados era o controle social e moral. (COSGROVE, 1998b, p. 228).

Ora, então todas as paisagens são simbólicas ? Sem temor expomos que sim ! Cosgrove (1998a) nos elucida, tudo possui um significado, pois em tempos remotos, com uma ótica global, isso ou aquilo foi posto um nome, um significado e uma função, que passa por gerações e continuam com as mesmas características. "Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem" (GOSGROVE, 1998b, p.228).

Contudo, entendemos que a categoria paisagem é o estudo do percebido, um debate que tem solidez e bastante difícil. Realmente a geografia está em toda parte, os significados, ideologias, também estão. Nossa percepção e prontidão devem ser estimuladas para melhor entendimento do lugar em que estamos e conseqüentemente, ter capacidade de agir com críticas construtivas e não nos posicionarmos em um conjunto de alienação. Neste capítulo foi

posto bibliografias que acreditamos oferecer uma base teórica para o entendimento do que é a paisagem, as correntes do pensamento e seus respectivos autores defensores, além de oferecer integração com nossa pesquisa. Em seguida relataremos os resultados obtidos na análise feita acerca do conceito de paisagem, umas considerações sobre o currículo escolar e os Parâmetros Curriculares Nacionais e a proposição de aula, deste modo versamos o capítulo 3.

Capítulo 3 - RESULTADOS ALCANÇADOS

Antes de relatarmos o resultado de nossa pesquisa, iniciaremos esse capítulo com uma discussão teórica sobre o currículo escolar e posteriormente sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, essas discussões servem para estabelecer mais consistência a este capítulo e a pesquisa, objetivando manter uma relação do teórico e o prático. Não obstante antes de iniciarmos a reflexão sobre os PCN's faz-se indispensável algumas notas sobre os currículos escolares e de forma sucinta citamos um pouco sobre o debate na área. É com os estudos de Cesar Coll que começaremos e o autor nos aponta que "A primeira função do currículo, sua razão de ser, é a de explicar o projeto - as intenções e o plano da ação - que preside as atividades educativas escolares" (COLL, 2007, p.44).

3.1 SOBRE CURRÍCULO

Segundo Coll (2007) o currículo deve ser determinado e construído de modo a funcionar como um guia, um subsídio ao professor nos seus afazeres pedagógicos. E para que tal circunstância se concretize, é indispensável segundo o autor que tanto as intenções do produtor do currículo e a realidade escolar sejam levadas em consideração em seu processo de desenvolvimento que a citação acima nos elucida. Os currículos devem ser produzidos contendo quatro pontos que o fundamentam: 1) "o que ensinar?"; 2) "quando ensinar?"; 3) "como ensinar?" e o 4) "que, como e quando avaliar?". O primeiro ponto o autor busca uma cogitação sobre os conteúdos, conceitos e finalidades do plano de currículo. No segundo, coloca a categorização e a sequência da atuação pedagógica. No terceiro, refere-se à estruturação das relações entre os conteúdos e as atividades com o desígnio do projeto pedagógico, em suas palavras:

Os quatro capítulos estão relacionados entre si e condicionam-se mutuamente, pois tratam, de diferentes aspectos de um mesmo projeto: enquanto o primeiro (que ensinar?) explicita as intenções, os três restantes (quando ensinar?, como ensinar?, que, como e quando avaliar?) referem-se mais ao plano de ação a ser seguido de acordo com elas (COLL, 2007, p.45).

Entendemos na ideia do autor múltiplas dimensões no currículo, compreendendo várias particularidades da prática pedagógica, bem como a intenção precursora à avaliação do

que se almeja como realização, tudo isto permeando pelo procedimento de coordenação do plano curricular. Um dos principais problemas da ideia e desenvolvimento desta coordenação do plano curricular, segundo Coll (2007, p. 45) advém da dificuldade que existe na concretização do mesmo, relata o autor:

Em resumo, entendemos o currículo como o projeto que preside as atividades educativas escolares, define suas intenções e proporciona guias de ação adequadas e úteis para os professores, que são diretamente responsáveis pela sua execução.

Avançamos agora com Michael Apple (2006) e sua compreensão crítica sobre o currículo, ensino e a escola, que esta, nós denominaremos de instituição de ensino no proceder do texto. Acreditamos que sua suposição crítica é fundamental no debate sobre o que seria instituição de ensino, currículo, ensino e a forma como se organiza a sociedade. Os estudos de Michael Apple (2006) que diz respeito a educação e o currículo, mostra-nos a atitude política do ensino, a educação não constitui uma atividade imparcial ou apolítica, ciente do conhecimento ou não por parte do docente da dimensão das relações de poder no ensino. O mesmo nos traz o esclarecimento sobre a relação da educação, das estruturas econômicas, do conhecimento e de poder, o mesmo ressalta a consideração de três questões que baseiam sua análise: 1) "a escola com instituição"; 2)"as formas do conhecimento" e 3)"o próprio educador". Essas relações são dialéticas que possuem um espaço e estão em constantes transformações, por contrário estaremos posicionando a instituição, o currículo e nós professores com caráter demasiadamente determinista. Refere o autor sobre a escola:

Assim, podemos agora começar a entender mais perfeitamente como as instituições de preservação e distribuição cultural, como as escolas, criam e recriam formas de consciência que permitem a manutenção do controle social sem a necessidade de os grupos dominantes terem de apelar a mecanismos abertos de dominação (APPLE, 2006, p.37).

Currículo e controle social para o autor estão profundamente atrelados, o controle social tendo como objetivo a conservação do *status quo*⁸, dos mecanismos de ordens

⁸ O conceito inicial do status quo tem origem na expressão diplomática "in statu quo ante bellum", que significa "como era antes da guerra", que significava recuperar a situação de poder e liderança que havia antes de uma guerra. A expressão status quo o estado atual das coisas, por exemplo, "Considerando o statu quo", significa

organizados, da estabilidade social, da ocultação das lutas de classe e a manutenção desiguais destas e por fim a sustentação da reprodução do capital. Para o entendimento dessas condições o autor baseia-se em três conceitos: hegemonia, ideologia e tradição seletiva, essa tradição seletiva nos aponta o autor:

(...) a seleção e a incorporação da tradição atuam no nível do conhecimento aberto, de maneira que determinados significados e práticas são enfatizados (geralmente por um segmento da classe média), e outros são negligenciados, excluídos, diluídos ou reinterpretados (APPLE, 2006, p.125).

A função de controle do currículo promove o ensino de valores culturais, econômicos e uma proposta de senso comum sejam efetivados no processo de criação e mantimento da hegemonia de um grupo social. Entendemos que é na relação política que o grupo hegemônico demuda seu conhecimento no conhecimento de toda sociedade. Isso é essencial: “Pelo fato de preservarem e distribuírem o que se percebe como ‘conhecimento legítimo’, o conhecimento que ‘todos devemos ter’, as escolas conferem legitimidade cultural ao conhecimento de determinados grupos” (APPLE, 2006, p.103-104). E devido a isso que: “as escolas não apenas controlam as pessoas; elas também ajudam a controlar o significado” (APPLE, 2006, p.103). É com a utilização do currículo que a instituição de ensino ensina a ideologia dominante, atingindo uma seletividade dos conteúdos das tradições dos grupos dominantes e estes alcançando sua hegemonia. Apple (2006) afirma o estilo do currículo em seu procedimento histórico de construção e conservação, desse estilo homogeneizado da sociedade: “É o compromisso com a manutenção de um sentido de comunidade, baseado na homogeneidade cultural e no consenso de valores, que foi e continua sendo um dos principais, embora tácito, legados da área do currículo” (APPLE, 2006, p.120).

Para a compreensão do desenvolvimento do currículo segundo o autor necessita da orientação de duas questões. Primeiramente situar a instituição de ensino em uma abarcante gama de instituições sociais que se inter-relacionam em suas disparidades e peculiaridades mantendo a desigualdade social. A segunda questão aponta o autor é avaliar a instituição de

considerando-se a situação atual. Statu quo é a condição, posição, das coisas, e não necessariamente significa coisas ruins, é um termo neutro, que pode ter qualquer sentido, positivo ou negativo. O status quo está relacionado ao estado de fatos, situações e coisas, independente do momento. O termo status quo é geralmente acompanhado de outras palavras como manter, defender, mudar e etc.

ensino e perceber que a mesma reafirma, reflete e autentica a desigualdade produzida, em: “(...) suas atividades curriculares, pedagógicas e avaliativas no dia - a - dia da sala de aula (...)” (APPLE, 2006, p.104).

Ainda nos guiando por Michael Apple (2006) para que sejam atingidos os valores culturais das classes hegemônicas faz-se necessário que o currículo e o ensino recusem ou ocultem os conflitos da realidade social e em troca o consenso é imposto como ferramenta da conservação da ordem social em vigor, portanto: “Isso exige que as instituições, as regras do senso comum e o conhecimento sejam considerados como relativamente pré-dados, neutros e basicamente imutáveis, porque todos continuam a existir por ‘consenso’” (APPLE, 2006, p.126).

Portanto consolida-se o que o mesmo denomina de "currículo oculto", este consiste nas intenções políticas de domínio social dos grupos hegemônicos onde os mesmos vigiam sua hegemonia e estão presentes nos currículos não se mencionando, para que mantenha surrupiado os conflitos e o próprio caráter do currículo. O autor nos aponta a sua consideração sobre o currículo oculto:

Como vimos, boa parte do enfoque tem se voltado ao que Jakson chamou, de maneira muito feliz, de ‘currículo oculto’, isto é, as normas e os valores que são implicitamente, mas eficazmente, ensinados nas escolas e sobre os quais o professor em geral não fala nas declarações de metas e objetivos (APPLE, 2006, p.127).

Portanto entendemos a acuidade que é fundamental para a análise da instituição de ensino e do ensino com objetivo de explanar o que encontra-se intencionalmente surrupiado pelos grupos hegemônicos, assim poderemos entender a instituição de ensino e iniciar a mudança do ensino.

3.2 OS PARÂMETRO CURRICULARES NACIONAIS DE GEOGRAFIA

A construção dos PCN's deve ser compreendida com base na sua dimensão histórica. Genylton Rocha (2010) é que nos aponta o contexto histórico-espacial onde foi criado o documento. Segundo o autor os PCN's foram criados no contexto de orientações políticas neoliberais a nível internacional e nacional, no Brasil governo de Fernando Henrique Cardoso. Nesta conjuntura então, precisaríamos considerar tais documentos como a materialização desta políticas neoliberais. No ano de 1995 inicia a implementação do

Parâmetro Curriculares Nacionais e não constava no documento as disciplinas História e Geografia. Em 1997 ocorreu a publicação dos PCN's com as respectivas disciplinas citadas sem que houvesse um processo, um parecer técnico. Norteados ainda pelo o autor, no ano de 1998 este processo novamente acontece, criando um documento que contemplava os últimos dois ciclos do Ensino Fundamental, em 1999 publica-se o ultimo documento referente ao Ensino Médio.

Interessante é também o que aponta Nestor André Kaercher (1998) em seu artigo, cautelas de suma seriedade, referente ao debate sobre os PCN's no Encontro de Geógrafos Brasileiros (ENG) do ano de 1996, o autor coloca que um documento burocrático sobre as disciplinas, conteúdos e metodologias é somente uma condição para ocultar a realidade:

Em vez de priorizar a discussão de 'quais os conteúdos' e 'metodologias' os professores devem priorizar na sala de aula (sem que os PCN's em nenhum momento proponham como efetivamente se possa operacionalizá-los permanecendo texto como uma espécie de simples 'aconselhamento de bom-mocismo') devemos discutir a falta de uma política educacional que invista na valorização da escola pública brasileira que hoje chega a níveis quase insuportáveis de desvalorização (KAERCHER, 1998, p.74).

Segundo o autor, apesar dos textos do PCN's terem uma feição teórica de qualidade, devido a sua escrita acautelada, existe a lógica autoritária e hierarquizada sem diálogo e informação social que encontra-se distante da primeira impressão que o documento nos incide. O autor sugere um exame mais atento, sem que a leitura seja imediatista, para que ocorra esta compreensão. Ainda seguindo as ideias do mesmo, a falta de participação social e a falta de contato com realidade ilustra o documento: “No meu modesto modo de ver, simplesmente não existe, grosso modo, no Brasil essa escola, esse professor e nem esse aluno que os PCN's descrevem” (KAERCHER, 1998, p.76).

O que devemos entender é se realmente os PCN's objetiva uma melhoria real no ensino ou se trata-se de um documento carregado de burocracia e tecnocracia mesmo que elaborado com ambição teórica. Se basearmos nosso entendimento em que o problema da educação do Brasil é uma discussão bem profunda do que somente a dimensão curricular, notaremos que os PCN's em si é modesto e conforme relata o autor: “Enfim, a questão maior não é pelo que os PCN's dizem - repetimos que, grosso modo, há poucos reparos a fazer - mas sim pelos silêncios e omissões que ele traz!” (KAERCHER, 1998, p.76).

Nas orientações de Nestor André Kaercher (1998) a burocracia imposta no documento tem êxito no que diz respeito a homogeneização dos conteúdos e o controle da prática docente. Um grande exemplo são as propostas curriculares estaduais baseadas no PCN's, onde as particularidades e culturais regionais ficam ocultadas pelo discurso hegemônico do documento. Outro problema que consideramos importante ressaltar são as fontes bibliográficas e nada melhor que o autor para nos salientar:

Disso já se falou: as fontes bibliográficas são relativamente pobres e o que é pior, em nenhum momento estão citadas no texto. Fica só como referência bibliográfica no final. Perigoso isso. Mais trazem confusão do que esclarecimento. É preciso deixar mais claros os referenciais teóricos com exemplos concretos de obras e suas páginas. Não se pode ignorar a já extensa produção acadêmica na área de pós-graduação, por exemplo (KAERCHER, 1998, p.81).

Dialogando no mesmo contexto que o autor, Marcia Maria Cabreira (2002) em termos teóricos nos auxilia a entender que existe uma diversidade no documento além da fraqueza das citações e referências: “No campo teórico-metodológico, os PCN's vêm sendo apontados como ecléticos, ora com direcionamento historicista, ora fenomenológico, mantendo a nítida preocupação de não difundir uma proposta fechada” (CABREIRA, 2002, p.101). E o que dizer de Genylton Rocha (2010) com sua análise semelhante, porém com pequenas notas, bem como a sobreposição de correntes em detrimento de outras, desqualificando-as: “Se é verdade que os Parâmetros de Geografia apresentam no corpo de seu texto uma miscelânea teórica, constatação a que chegaram, dentre outros(as), Oliveira (1999), Spósito (1999) e Pontuschka (1999) (...)” (ROCHA, 2010, p.24), segundo Rocha (2010, p. 25) os PCN's deliberam as orientações da geografia fenomenológica e relata o mesmo que essa escolha é intencional e têm motivações políticas e ideológicas claras e o principal problema seria que:

A nova geografia dos(as) professores(as) que se quer presente nas escolas, por ser fenomenológica e construtivista, contribui para a formação de cidadãos(ãs) que, segundo Oliveira (1999), só devem se enxergar como indivíduos(as), nunca como classe

Agora ao nos conduzirmos por José William Vesentini (2009), os PCN's na concepção do autor não são filiados a correntes neoliberais e que a partir de uma leitura do documento não se pode deduzir tal influência de ideias neoliberalistas. O autor entende que os PCN's são

pluralistas, uma mistura de diversas ideias de correntes distintas sem coerência e articulação entre si e um pluralismo teórico que é a articulação dessas mesmas ideias e correntes em um todo organizado, coerente e complexo, contudo diferente do ecletismo de Marcia Maria Cabreira (2012). Essa crítica que autor faz é com o objetivo de mostrar que ainda existem autores que acreditam na clareza teórica:

Será que esse pretense ecletismo – a mistura que alguns detectam nos PCN's de geografia do marxismo com a fenomenologia, com o positivismo, com o pensamento pós-moderno etc. – seria uma evidência de neoliberalismo? Definitivamente não. Uma coisa nada tem a ver com a outra (VESENTINI, 2009, p.135).

Sua argumentação sobre o pluralismo dos PCN's é finalizada na colocação de que o documento é tributário da Teoria da Complexidade de Edgar Morin e os desenvolvimentos pedagógicos, e tal influência não pode ser atrelada ao neoliberalismo.

Em relação aos conteúdos, nos aponta Genylton Rocha (2010) que os PCN's são escrito por áreas e não pela tradicional distinção por disciplinas e relata o autor que mesmo tendo o objetivo de ultrapassar as fronteiras disciplinares, isso não é atingido, pois o projeto disciplinar permanece como anteriormente, transformando apenas a nomenclatura: “O fato de ser sugerido um tratamento multidisciplinar quando do ensino dos conteúdos cognitivos, procedimentais ou atitudinais, não faz com que necessariamente ocorra um agrupamento de conhecimentos produzidos por áreas afins” (ROCHA, 2010, p.17).

Quanto aos conceitos geográficos presentes no documento relata Rocha (2010, p. 18) que o espaço geográfico é conceito central e os outros conceitos geográficos são seus aliados:

as categorias paisagem, território e lugar devem também ser priorizadas, sobretudo dois primeiros ciclos, etapa em que tais categorias se mostram mais acessíveis aos(as) alunos(as), por conta das características cognitivas e afetivas que lhes são peculiares.

Para a finalização da discussão sobre o documento referido, buscamos novamente Nestor André Kaercher (1998) e seu artigo, dividindo em duas partes a apropriação dos PCN's por parte do corpo docente. Em primeiro lugar: “Se o profissional que leu os PCN's o entende, ele é dispensável porque, provavelmente, o professor já trabalha numa lógica parecida com a sugerida” (KAERCHER, 1998, p.82). Em segundo: “Se o profissional não entende os PCN's, então ele é inútil, porque não provoca uma desestabilização da atual prática deste profissional porque é uma imensa listagem de objetivos e conteúdos a serem desenvolvidos”

(KAERCHER, 1998, p.82). Assim entendemos pelo autor que os PCN's não parecem amparar o docente na sua prática diária em sala de aula.

Após esse debate teórico sobre os currículos escolares, o documento que serve para nortear a prática docente em seu processo didático. Disponibilizaremos na próxima etapa do capítulo os resultados que foram alcançados no decorrer de nossa pesquisa.

3.3 OS RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados que encontramos oferece um grande distanciamento no que se produz na academia e o que se é disponibilizado no ensino básico. Apresentaremos este distanciamento por três divergências: a complexidade que é o conceito do fenômeno paisagem, a formação original do corpo docente e a atualidade dos livros didático, porém essas divergências não estão separados nas seções da realidade, estão intrínsecos e causam influencias entre si ao proliferarem.

3.3.1 A complexidade do fenômeno espacial

Esse subtítulo teceremos sobre a dificuldade que é explicar o conceito de paisagem, além de não ser um fenômeno exclusivo da ciência geográfica, possui diversas informações que compõem seus conceitos. Outro ponto importante que descobrimos na investigação é que o tempo de duração do ano letivo é pequeno para a explicação da complexidade que é a produção do espaço geográfico. O conceito de paisagem é apresentado no primeiro estágio do nível fundamental, que corresponde a 6ª série ou 6º ano, especificamente no primeiro bimestre do ano letivo, onde o aluno inicia seu conhecimento sobre o espaço geográfico. Contudo, por consequencia do tempo curto, o documento que mais fomenta o docente é o Currículo Mínimo, descobrimos que tal documento sintetiza as informações para o docente, assim sendo, são disponibilizados um conceito mais superficial do fenômeno espacial sem que haja um aprofundamento sobre os significados expressos no mesmo.

3.3.2 A formação original do corpo docente

Além da divergência da complexidade conceitual, encontramos uma divergência que corresponde na origem da formação do docente em duas instituições das três investigadas, a formação do docente consiste na licenciatura em História, porém o mesmo possui habilitação

para lecionar Geografia. Acreditamos que essa divergência implica no processo de aprendizagem do conteúdo sobre o conceito do fenômeno.

3.3.3 A atualidade dos livros didáticos

Por fim a atualidade dos livros didáticos foram outra divergência encontrada. Nos livros didáticos, quanto mais atual é o livro, possui mais informações sobre o conceito de paisagem com inclinações para as orientações da Nova Geografia Cultural, tais orientações demasiadas complexas, para tempo que o docente possui, em consonância a sua formação torna-se um trabalho intenso para o docente. Em seguida disponibilizaremos uma proposição de aula possa acudir a prática docente.

3.4. PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADE

Esta atividade propõe aproximar os conteúdos acadêmicos aos conteúdos escolares. Tendo como orientação Gomes (2007b) e Parente (2007), teremos a relação entre imagem e geografia como um instrumento de estímulo da percepção e compreensão do mundo. Como aponta os autores, relação entre ambas possui duas orientações: a) o desempenho exemplar ilustrativo e b) como forma de desenvolvimento da reflexão. Com a segunda orientação que iremos nos apoiar como base da proposição. Propomos como exercício a leitura da paisagem urbana de Campos dos Goytacazes por meio de imagens fotográficas. Assim, pode-se perceber as mudanças, as permanências na paisagem; pode-se destacar os elementos simbólicos associados às ideologias vigentes; destacam-se os topônimos como elementos que compõem as paisagens e marcam os “donos do poder” em cada espaço/tempo. Foram escolhidos alguns objetos geográficos que anunciam na paisagem ideologias de contextos passados sobretudo no perímetro urbano do município Contudo, este exercício requer recursos didáticos que talvez não esteja na realidade da instituição de ensino e pode dificultar o trabalho docente. Utilizaremos alguns objetivos do currículo mínimo para direcionar o exercício. Demonstraremos que a análise da paisagem pode ser utilizada para refletir sobre as mudanças na região Norte Fluminense como as políticas nacionais.

3.4.1 Plano de aula

Foram escolhidos 4 objetivos no 6º ano do ensino fundamental, estes encontram-se no 1º bimestre:

- a) Reconhecer características geográficas;
- b) Relacionar aspectos que revelam a identidade do aluno com seu lugar de vivência;
- c) Observar diferenças socioespaciais resultantes das formas de organização das sociedades;
- d) Reconhecer a importância do trabalho na transformação do espaço;

Disponibilizaremos agora os objetivos a serem alcançados pelo corpo discente que foram criados para proposição de aula:

Objetivo geral: a serem alcançados pelos alunos

- a) Fazer uma leitura das paisagens urbana de Campos dos Goytacazes, fazendo uma relação entre geografia e imagem;

Objetivos específicos: a serem alcançados pelos alunos

- a) Aclara o conceito de paisagem nas orientações da Geografia Cultural;
- b) Mostrar nas paisagens urbanas através de imagens fotográficas as suas modificações, significados e ideologias de conjunturas passadas;
- c) Estimular a percepção dos participantes para com os símbolos das paisagens;
- d) Utilizar a imagem como forma de desenvolvimento da reflexão;

Conteúdo

- a) O que é paisagem;
- b) Relação Geografia\Imagem;

Desenvolvimento

A disponibilização da aula pode ser dividida em dois momentos. O primeiro momento o professor explica aos alunos o que é paisagem, demonstrando que estas possuem símbolos que expressão significados de poder e ideologia e relatam um pouco da história de Campos dos Goytacazes. O segundo momento consiste na apresentação das imagens fotográficas dos objetos geográficos que encontram-se no perímetro urbano do município, tais objetos são: Canal Campos-Macaé, conhecido atualmente como "beira-valão", Praça São Salvador, Jardim

São Benedito, Obelisco dos Usineiros, o conjunto de bar Chá-Chá e a usina de açúcar Queimado e a praça do Barão do Rio Branco, conhecida atualmente por praça do Liceu. As imagens fotográfica servirão para mostrar através de sucessões as modificações da paisagem, além de apontar o que ainda está na atualidade e que não encontra mais.

Metodologia

- a) Aula expositiva dialógica;
- b) Amostragem de imagem fotográfica;

Recursos didáticos

- a) Lousa;
- b) Datashow (projektor)⁹;

Entendemos que essa proposição de aula pode ajudar o trabalho docente, pois a mesma utiliza a realidade do aluno. Outro fato importante é que esta proposição de aula demonstra através do objetos geográficos um marco de uma época e uma classe social que estão representados na paisagem dando significados a ela. Não obstante esta proposição de aula pode ajudar o aluno na construção do sentido de identidade, além de ser significativo para a memória coletiva. Contudo a aula pode utiliza os conceitos teóricos das duas inclinações de pensamento da Geografia Cultural, assim teremos a relação da paisagem e memória.

⁹ Como foi relatado na início do subtítulo, alguns recursos didáticos poderão dificultar o trabalho docente, devido tais recursos não serem disponível na realidade da instituição do ensino. Tendo em vista que tivemos experiência das dificuldade que o professor encontra no cotidiano, ao passarmos pelo período de Estágio Supervisionado.

4.0 COSIDERAÇÕES FINAIS

Dividir em três questões:

- o conceito complexo, iniciando pela a etimologia da palavra (procurar Marcelo Lopes).
- A questão dos documentos de fomento produzidos pelo governo (são realmente usados para orientar a pratica docente ?)
- Dificuldade do docente, devido a sua formação e o lugar

onde o mesmo se encontra (exemplos da realidade)

5.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem matriz: elementos da problemática para geografia cultural. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012,

CABREIRA, Marcia Maria. Parâmetros Nacionais Curriculares e o Ensino de geografia- Algumas reflexões. **Revista Dialogia**, UNINOVE, out/2002, v.0, p.99-104.

COLL, Cesar. **Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. São Paulo, Ática, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e a geografia cultural**. Revista Brasileira de Geografia, v. 51, n.1, 1989.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSGROVE, Denis. Mundos de Significados: geografia cultural e imaginação. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. Perspectiva: São Paulo, 2001.

DUNCAN, James. O Supraorgânico na geografia cultural americana. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; PARENTE, Letícia. A produção de imagens para a pesquisa em Geografia. IN: **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, N. 33, P.27-42, JAN./JUN. DE 2013 <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

HOEFLE, Scott William. Epistemologia e teoria cultural. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

KAERCHER, Nestor André. PCN's: futebolistas e padres se encontram num Brasil que não conhecemos. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 24, n. 1, 1998.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. IN: **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS** - v. 19 n. 55, 2000.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. O Ensino de Geografia no Brasil: as prescrições oficiais em tempos neoliberais. **Revista Contrapontos**, v. 10, n. 1, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012a.

SAUER, Carl. Desenvolvimentos recentes em geografia cultural. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012b.

SEGA, Rafael Augustus. O Conceito de representação social nas obras de Moscovici e Jodelet. disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>, acesso em 18/09/2014.

VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS:

BRASIL. Secretária de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.